

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Escola de Biblioteconomia (EB)

Wallace Silva Santana de Almeida

Surdez, Informação e Língua(gem): implicações da aquisição e desenvolvimento de linguagem nas práticas informacionais de Surdos

Rio de Janeiro
2018

Wallace Silva Santana de Almeida

Surdez, Informação e Língua(gem): implicações da aquisição e desenvolvimento de linguagem nas práticas informacionais de surdos

Trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Biblioteconomia, submetido à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Orientação: Profa. Dra. Bruna Silva do Nascimento Barbosa

Rio de Janeiro

2018

Ficha catalográfica elaborada pelo autor

020

A447s

Almeida, Wallace Silva Santana de, 1990-

Surdez, Informação e Língua(gem) : implicações da aquisição de linguagem nas práticas informacionais de surdos [manuscrito] / Wallace Silva Santana de Almeida. — 2018

76 f. : il. ; 30 cm

Orientação: Bruna Silva do Nascimento Barbosa

Trabalho de conclusão de curso (Graduação)—Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

1. Práticas informacionais de surdos. I. Barbosa, Bruna Silva do Nascimento, *orient.* II. Título.

Wallace Silva Santana de Almeida

Surdez, Informação e Língua(gem): implicações da aquisição e desenvolvimento de linguagem nas práticas informacionais de surdos

Trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Biblioteconomia, submetido à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: _____ de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Bruna Silva do Nascimento Barbosa, Dra.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Profa. Marianna Zattar Barra Ribeiro, Dra.

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profa. Simone da Rocha Weitzel, Dra.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Dedico este trabalho à minha mãe e ao meu pai que lutaram pelos meus estudos e a todos os Surdos que ainda são silenciados.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a meus pais que fizeram o possível e as vezes até o impossível para que eu tivesse acesso a meios educacionais e culturais, proporcionando toda a base para que pudesse fazer parte da primeira geração da família que ascendeu a universidade.

Aos familiares próximos que torceram e apoiaram todas as conquistas e dificuldades até aqui.

Ao Victor por todo amor, paciência e companheirismo, em todos os momentos durante a graduação.

Aos amigos de fora da Unirio, por não desistirem de mim e pelo entendimento das exigências de dedicação e envolvimento que uma boa graduação exige.

Aos amigos que a Universidade me trouxe que estiveram ao meu lado dividindo experiências e dando suportes nos momentos mais difíceis.

Aos amigos e colegas que construíram e participaram dos encontros estudantis da qual pude fazer parte, obrigado por dividir os melhores momentos da graduação.

Aos amigos da Licenciatura em Biblioteconomia, que mesmo quando vinha a incerteza, mostravam o quão juntos estávamos, salvando inclusive o final do curso com aquelas turmas de ensinos que me indicaram um caminho pelo qual vou buscar seguir.

Aos professores do curso por compartilhar conhecimentos e estimular o pensamento crítico e dividir muitas histórias, para além da sala de aula, especialmente ao "Dream team" do DEPB por apoiar todas as loucuras e inspirar enquanto pessoas e docentes.

A professora Bruna Nascimento pela orientação do TCC de forma a fazer caber no meu tempo e em diversos assuntos da vida pessoal.

As professoras Mariana Zattar e Simone Weitzel pela solidariedade e contribuições diretas e indiretas e por serem exemplos como pesquisadoras e professoras.

Aos sujeitos da pesquisa por compartilharem comigo suas experiências e contribuíram para que este trabalho se torne realidade.

A todos aqueles que contribuíram para minha formação acadêmica e crítica e que de alguma maneira ajudaram a transformar meu mundo melhor.

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo.”

Terje Basilier.

RESUMO

Este trabalho busca compreender de que maneira os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem podem influenciar nas práticas informacionais de Surdos. Para tal pretende identificar as barreiras encontradas por Surdos, com diferentes formas de aquisição de Linguagem, em suas práticas informacionais definidas a partir dos processos de acesso, uso e compartilhamento. Esforça-se para detectar as principais fontes e tecnologias de informações utilizadas no processo de Busca da informação por Surdos e procura diferenciar a interferência da Linguagem oral e da língua portuguesa e/ou da Libras no transcurso do uso e compartilhamento da informação. A pesquisa se caracteriza por ser exploratória, com abordagem qualitativa e utiliza como instrumento de coleta de dados um questionário. Os resultados demonstram a relação entre a aquisição e o desenvolvimento de linguagem dos Surdos e suas práticas informacionais. Indica a preferência pela informação acessível em Libras. O fechamento aponta para necessidade de criação de estratégias para democratização da informação, para a importância do processo de letramento informacional e para a necessidade de se ouvir os Surdos.

Palavras-chave: Práticas informacionais. Surdez. Aquisição de linguagem.

ABSTRACT

This work seeks to understand how processes of acquisition and development of language can influence the information practices of Deaf people. As to that, it seeks to identify the barriers encountered by Deaf people, with different forms of language acquisition, in their information practices defined through access, use and sharing processes. It strives to detect the main sources and information technologies used in the process of information search by Deaf people and seeks to differentiate the interference of the Oral language and the Portuguese language and / or Libras in the course of the use and sharing of information. The research is characterized as exploratory, with a qualitative approach and uses as a data collection instrument a questionnaire. The results demonstrate the relationship between the acquisition and the development of language of Deaf people and its informational practices. It indicates preference for information accessible in Libras. The closure points to the need of strategies creation for the democratization of information, for the importance of the information literacy process and the need to listen to the deaf.

Keywords: Information practices. Deafness. Acquisition of language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 01 – Modalidade de escolarização	40
Gráfico 02 – Preferência de comunicação	41
Gráfico 03 – Ambientes digitais utilizados	46
Gráfico 04 – Língua mais utilizada no processo de busca da informação	48
Gráfico 05 – Eficiência linguística	51
Gráfico 06 – A predominância linguística na escola	51
Gráfico 07 – O uso da língua com amigos	52
Gráfico 08 – O uso da língua em atividades religiosas	53
Gráfico 09 – O uso da língua para infamações cotidianas	54
Gráfico 10 – O uso da língua para vídeos	55
Gráfico 11 – O uso da língua na aprendizagem	56
Gráfico 12 – O uso da língua em compartilhamento	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALS	Língua de Sinais Americana
EB	Escola de Biblioteconomia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INES	Instituto Nacional de Educação para Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
SI	Sinais internacionais
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SURDEZ.....	17
2.1 ASPECTOS DA SURDEZ: DIFERENÇA OU DEFICIÊNCIA?.....	20
2.2 PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DE LÍNGUA(GEM)	22
3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS	26
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHAR SILENCIOSO DE UM OUVINTE	33
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	33
4.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	36
5 A VOZ DOS SURDOS: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	39
5.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS PARTICIPANTES	39
5.2 AS BARREIRAS NAS SUAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS.....	41
5.3 FONTES E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO UTILIZADAS	45
5.4 ABORDAGENS LINGUÍSTICAS NAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

A informação, desde o início do processo de civilização, é uma matéria prima do desenvolvimento da humanidade. A sociedade contemporânea apresenta a característica de estar articulada em redes, por onde transcorrem a comunicação e informação, construindo novas formas de expressão cultural, atividades econômicas, educativas e de lazer. Configura-se, desta maneira, uma sociedade que busca por meios diferentes informação e conhecimento e novas possibilidades de interpretar e conhecer o mundo.

Na sociedade contemporânea, a partir das informações, é possível estabelecer diferentes versões da realidade, e a partir do confronto dos diferentes discursos que são produzidos, permitir que os atores sociais se situem histórica e politicamente no contexto na qual estamos inseridos.

Neste contexto, informação pode apresentar diferentes conceitos não tendo um consenso para as áreas de Biblioteconomia e Ciência da informação. É oportuno então conceituá-la para este trabalho, que entende a

Informação – substrato da vida social, fundamental à compreensão dos fenômenos, requerendo daquele que a recebe submetê-la a um processo de análise, crítica e reflexão, para que, inserindo-o na historicidade dos processos sociais possa ser incorporada como conhecimento, norteando a ação. (REIS, 1999, p. 155).

Assim, vale ressaltar que informação aqui é compreendido como um resultado da interação social, entre agentes concretos, que estão inseridos em uma realidade social, histórica, política, econômica e cultural o que torna necessária uma compreensão em sua inserção social.

A informação como caracterizada acima, se torna de expressiva contribuição e intervenção em diversos contextos sociais. Para o presente trabalho torna-se relevante debater as inferências do processo de aquisição de linguagem nas práticas informacionais, visto que a aquisição de linguagem atua como mecanismo de socialização e interiorização da ordem social, através de práticas e saberes instituídos para a apropriação da cultura e das diferentes circunstâncias da realidade social.

A relação entre informação e o processo aquisição de linguagem, a partir de uma perspectiva crítica, torna-se uma opção para a compreensão da realidade social de Surdos, e para sonhar com possibilidades de transformação social.

Compreendendo o processo de aquisição de linguagem como uma prática social e um fator essencial para o indivíduo fortalecer sua cidadania e ainda entendendo o acesso e a apropriação da informação com o potencial de minimizar desigualdades sociais, o presente trabalho tem por objetivo **compreender de que maneira os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem podem influenciar nas práticas informacionais de Surdos¹**.

De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 (BRASIL, 2012) aproximadamente 24% da população total (196 milhões de pessoas em 2010) têm algum tipo de deficiência (visual, auditiva, motora e mental ou intelectual). Sendo 5,10% da população total com deficiência auditiva e 1,12% com deficiência auditiva severa. Hoje esses números são ainda maiores.

A perda da audição se levar em consideração sua etiologia, o tipo de perda, a idade do diagnóstico e a intervenção e participação da família terá influências significativa no processo de desenvolvimento do indivíduo.

O tema da surdez envolve, [...], muitos aspectos: de ordem médica (sobre a etiologia, o diagnóstico e a cirurgia de implante coclear); de ordem linguística (processos diferentes de aquisição e de desenvolvimento da linguagem oral e\ou de sinais); de ordem educacional (abordagens específicas para o surdo); de ordem terapêutica (acompanhamento especialmente no campo da fonoaudiologia); de ordem social (dificuldade nas interações com ouvintes); de ordem trabalhista (dificuldade de arranjar emprego e luta pelo aumento da “cota” da vaga para deficientes); de ordem política (luta pelos direitos dos surdos e pelo reconhecimento da língua de sinais). (SANTANA, 2007, p. 13-14).

Nossa sociedade vivencia a comunicação basicamente através da linguagem oral, estruturada pela língua, que nos são apresentadas desde os primeiros instantes da vida, e que nos chega preferencialmente por meio da audição. Não ouvir, condição dos Surdos, significa uma enorme dificuldade a língua falada de

¹ Em inglês a palavra ‘Surdo’ com a inicial maiúscula refere-se a uma cultura, distinta de surdo, que é um termo patológico; essa distinção se parece com aquela feita nos Estados Unidos entre ‘gay’ e ‘homossexual’. Um número crescente de pessoas surdas sustenta que não escolheria ouvir. Para elas, a cura - surdez como patologia - é execrada; a adaptação - surdez como deficiência - é mais palatável; e a celebração - Surdez como cultura - supera todas. (SOLOMON, 2013, p. 67).

“forma natural”, como pela maioria das pessoas. Não ter acesso a língua pode acabar por isolar o Surdo de seu próprio grupo familiar, dos grupos escolares, e dos mais diversos grupos sociais, interferindo significativamente nos diversos papéis sociais que assumimos diariamente. “A surdez, especialmente a congênita, tem um papel importante no desenvolvimento da linguagem e na construção da identidade das pessoas surdas, e afeta também sua integração na sociedade dos ouvintes.” (SOUZA; SILVESTRE; ARANTES, 2007, p. 49).

A Surdez pode ser pensada como uma característica, para além do fenômeno físico pode ser pensada como uma construção cultural, e Surdos podem ser enxergados como uma minoria linguística. A **cultura surda** é formada pelas individualidades dos Surdos que se compõe em um grupo social legítimo, com uma história, carregada de lutas e conquistas. Essa perspectiva vem alterar os contextos político-sociais da Surdez na contemporaneidade.

Os significados sobre Surdez e sobre os Surdos foram construídos, nos mais diferentes períodos históricos, por meio de suas condutas, formas de pensar, literaturas, imagens, práticas educativas, avanços tecnológicos e medicinais, participação social, dos espaços de atuação e militância política que exprimem a representação social desse grupo linguístico minoritário.

A compreensão de Surdez e sobre os sujeitos Surdos vem se modificando ao longo do tempo. E essa “história tem sido contada e recontada no decorrer dos últimos cinco séculos, inicialmente pelos ouvintes, porém mais recentemente, também pelos próprios Surdos” (LOUREIRO, 2004, p. 23).

Dentro dos **Estudos Surdos**, é muito importante a questão da representação e o lugar de fala, da forma como o sujeito Surdo é representado, os discursos que são propagados e por quem são feitos. Concordando com Lulkin (2000, p. 18)

[...] não ignoro minha condição de pesquisador ouvinte tampouco “escapa” de uma posição de poder que me permite, no espaço acadêmico, inventar o outro, ao falar desde minha perspectiva como mais uma possível “verdade” a qual não pertenço. Os dispositivos utilizados para falar do outro - neste caso, os Surdos - criam uma imagem feita pelas pessoas “normais” - neste caso os ouvintes - que são as que definem normalidade e anormalidade [...].

E assim como Lulkin questionou sua própria posição de ouvinte e pesquisador diante a temática Surdez e diante dos Surdos, há de se considerar que este trabalho

é desenvolvido por um ouvinte. Logo há aqui uma representação ouvinte do Surdo. Entende-se, então que há um lugar privilegiado de fala ao representar o outro. Porém ao mesmo tempo, busca-se contribuir com a mudança do entendimento sobre Surdez socialmente cristalizada.

Conforme aponta Silva (2005, p. 48 apud CORRADI, 2011, p. 42) respeitar as minorias, dentre elas as linguísticas, incluem o aprendizado do “‘ouvir, ver e compreender’ o som de muitas línguas ao descobrir o silêncio”. E para que haja respeito é necessário buscar entender os interesses das pessoas surdas.

A ressignificação da Surdez nos mais diversos campos de conhecimentos, como diferença cultural, possibilita que os Surdos possam se sentir pertencentes a todo o contexto social. E assim como fez Corradi (2005, p. 43) “a preocupação em dar “voz” aos surdos prevaleceu neste trabalho, o que possibilitou “vê-los” e “ouvi-los” enquanto representantes de comunidades Surdas política, cultural e socialmente legitimadas”.

Sendo a Biblioteconomia e a Ciência da informação pertencentes a um campo de conhecimento incrivelmente interdisciplinar, capaz de dialogar com os mais diferentes campos de conhecimento, e ainda tratando-se de duas áreas que podem colaborar muito com a transformação do atual contexto sócio informacional, acredita-se que

A Ciência da Informação [e a Biblioteconomia], preocupada com os processos com que as pessoas geram, utilizam e buscam informação, depara-se com um importante objeto de estudo que se apresenta como particularmente importante na caracterização do processo de mediação entre o surdo e a informação (MIGLIOLI; SOUZA, 2014, p. 1223).

Este trabalho torna-se relevante para a comunidade acadêmica destas áreas, visto que “na Ciência da informação poucos pesquisadores têm se debruçado sobre este objeto de pesquisa” (CARDOSO; LIMA, 2013, p. 7) conforme o levantamento feito para um trabalho apresentado ao XIV ENANCIB onde foi feita uma análise dos dados referentes ao levantamento de artigos sobre Surdos na base de dados BRAPCI (CARDOSO; LIMA, 2013). O trabalho é importante também a partir do momento que pretende evidenciar que “os meios e suportes informacionais no geral não privilegiam sua condição linguística e cultural. Essa barreira comunicativa

dificulta o acesso e o uso da informação, afastando o surdo da biblioteca e dos espaços culturais.” (CARDOSO; LIMA, 2013).

Outro fato a ser considerado sobre a relevância social deste trabalho, que embora não se proponha a ser um mapa das práticas informacionais dos Surdos, possa servir para a reflexão para a biblioteconomia e ciência da informação quanto ao atendimento a comunidade Surda. Possibilitando pensar formas de diminuir as desigualdade informacional, de modo a democratizar o acesso e derrubar as barreiras inicialmente linguísticas, existentes na vida de Surdos.

A preocupação com a democratização e não-exclusão de minorias [...] tornam-se fundamental e evidente. Tal sistema de exclusão é reforçado por sistemas de livros, edições, bibliotecas, laboratórios científicos e pelas próprias TICs. (FREIRE, 2003).

A justificativa pessoal para o desenvolvimento da pesquisa é a de que em 2014 foi presenciado uma cena dentro da Biblioteca parque estadual, onde todos os funcionários fugiam de um casal de Surdos que entrou no espaço, somado aos diversos debates ocorridos nas disciplinas de Educação e Surdez I (Optativa), Educação especial (Optativa) e Libras (Obrigatória) cursadas dentro do curso de Licenciatura em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) que foram sempre somadas aos aprendizados específicos da área de Biblioteconomia resultando nas preocupações desta pesquisa.

Especificamente neste trabalho, está o entendimento de que **entender como os diferentes processos de aquisição de linguagem de Surdos interferem nas práticas informacionais**, para que se possa transformar as interações entre os Surdos e os vários meios de comunicação e informação, as vivências, e contribuir na melhora de autonomia e independência de surdos na participação na sociedade.

Há um abismo informacional e atitudinal entre ouvintes e surdos, o qual ultrapassa o despreparo diante do desconhecido, para a omissão e o descaso diante da invisibilidade da diferença sensorial auditiva em relação a condição ouvinte majoritária (CORRADI, 2011. p. 21).

Para que se compreenda como o processo de aquisição de linguagem interfere nas práticas informacionais dos Surdos a pesquisa desdobrou-se nos seguintes objetivos específicos:

- a) identificar as barreiras encontradas por Surdos, com diferentes formas de aquisição de Linguagem, em suas práticas informacionais: acesso, uso e compartilhamento;
- b) detectar as principais fontes e tecnologias de informações utilizadas no processo de Busca da informação;
- c) diferenciar a interferência da Linguagem oral e da língua portuguesa e/ou da Libras no transcurso do uso e compartilhamento da informação.

Acompanhando as tendências atuais voltadas para a Inclusão Social de pessoas com deficiência, e a luta por espaço e reconhecimento da comunidade Surda para a valorização da Cultura Surda, este trabalho se insere dentro de uma perspectiva crítica onde todo o contexto histórico social dos sujeitos deve ser levado em consideração.

O modo como a pessoa surda integra a surdez na construção da própria identidade ocorre em grande parte em função de outros fatores, como a qualidade de sua comunicação com o entorno mais imediato e a representação social dominante da surdez desse meio mais próximo (SOUZA; SILVESTRE; ARANTES, 2007, p. 75).

Esta monografia divide-se em seis seções. A segunda seção é a apresentação teórica das discussões acerca da Surdez, traçando um breve histórico sobre o entendimento de Surdez e debatendo de que forma pode impactar na aquisição e desenvolvimento de linguagem. A terceira seção aborda as práticas informacionais, tratando sobre a evolução dos conceitos e trazendo para comparações práticas para que possa ser pesquisa. A quarta seção apresenta os procedimentos metodológicos adotados para que se alcançasse os objetivos propostos. Caracteriza ainda os atores da pesquisa. A quinta seção analisa e discute os dados da pesquisa à luz dos conceitos estudados. A sexta e última seção apresenta as considerações finais.

2 SURDEZ

O entendimento acerca da Surdez e sobre os Surdos vêm mudando com o tempo. Sabe-se que o processo de seleção natural Darwinista, a seleção biológica dos espartanos, a acomodação benevolente do Cristianismo, a marginalização e isolamento da idade média contribuíram para que ao longo do processo civilizatório a ideia de deficiência auditiva ou Surdez estivesse ligada a fatos supersticiosos e sobrenaturais.

Ao buscar na história referência sobre Surdos, encontra-se que no Egito antigo os surdos eram temidos e respeitados, até adorados como seres divinos que serviam como mediadores entre os Deuses e os faraós. Os Chineses lançavam-os ao mar, os Gauleses os ofereciam em sacrifício aos Deuses, em Esparta eram lançados dos rochedos para atrair os urubus. Ainda nos Séc. XVI e XVII, foram as questões religiosas que afetaram essa ideia sobre a Surdez, a partir de julgamento de valores, e ordem e de controle social. Por exemplo, “a declaração de São Paulo, na carta aos Romanos, de que “a fé provém de ouvir” foi mal interpretada por muito tempo no sentido de que aqueles que não podiam ouvir eram incapazes de ter fé, [...]” (SOLOMON, 2013, p. 67).

Somente com a Revolução Francesa é que se começa a questionar a ideia sobre a Surdez, passando para um entendimento mais humanista. No Séc. XVIII a partir de novos estudos científicos o enfoque da Surdez estava mais ligado a deficiência mental que propriamente a Surdez.

A situação das pessoas com surdez pré-linguística antes de 1750 era de fato uma calamidade: incapazes de desenvolver a fala, e portanto “mudos”, incapazes de comunicar-se livremente até mesmo com seus pais e familiares, restritos a alguns sinais e gestos rudimentares, isolados, exceto nas grandes cidades, até mesmo da comunidade de pessoas com o mesmo problema, privados de alfabetização e instrução, de todo o conhecimento do mundo, forçados a fazer os trabalhos mais desprezíveis, vivendo sozinhos, muitas vezes à beira da miséria, considerados pela lei e pela sociedade como pouco mais do que imbecis — a sorte dos surdos era evidentemente medonha. Mas o que se evidenciava não era nada em comparação com a destituição íntima — a destituição do conhecimento e do pensamento que a surdez pré-linguística podia acarretar, na ausência de qualquer comunicação ou de medidas reparadoras. (SACKS, 2010, p. 15).

Essa ideia de surdos serem confundidos com pessoas com alguma debilidade intelectual, fez com que a instrução dos Surdos se desse predominantemente de maneira Oral, já que o aprendizado da fala significaria, para a sociedade daquela época, determinar que surdos fossem dignos de direitos perante a lei, visto que eram proibidos, por exemplo, de herdar bens e contrair matrimônio.

Embora houvesse o predomínio do ensino de linguagem Oral, em meados do século XVIII, a partir do interesse do Abade Sicard e do Abade de L'Épée de mostrar para a sociedade que os Surdos eram sujeitos humanos, com capacidade para ingressar na vida social, a situação de parte dos Surdos começou a modificar-se.

Depois de observar a linguagem gestual utilizada pelos Surdos parisienses para comunicar-se entre si, o Jovem abade Michel de L'Épée resolveu estudar e aprender esta linguagem com o desejo de catequização dos jovens Surdos. Então criou um Sistema de Sinais metódico, associando sinais com imagens e palavras, buscando ensinar os surdos a ler (LOUREIRO, 2004).

O sucesso conseguido pelo método o fez abrir uma escola em 1755, treinando professores Surdos para que se espalhasse pela França e pelo resto da Europa. Cabe destacar que o L'Épée já sinalizava para a necessidade de diferenciar os meios de instrução entre Surdos e ouvintes, conforme defendida hoje pela Educação Bilíngue.

Apesar das conquistas educacionais e sociais da comunidade Surda garantindo direitos e cidadania, todo o processo seria desmanchado pelo Congresso de Milão em 1880. O Congresso de Milão, foi decisivo para que o Oralismo predominasse até o séc. XX. O congresso determinou a imposição do método oralista proibindo os Surdos a se comunicarem de maneira visuo-gestual nas escolas. Há de ressaltar que o importante congresso foi realizado apenas entre/por ouvintes, tendo como um dos líderes principais Graham Bell.

Somente após aproximadamente um século que se começa a questionar a respeito do fracasso da educação oralista oferecida para os Surdos. Para Sacks (1990) o Oralismo a anulação dos sinais resultaram em elevado prejuízo na educação de pessoas Surdas e do grau de instrução dos Surdos tornando-os iletrados funcionais. Conforme aponta Loureiro (2004) somente a partir da década de 60 que aparecem os primeiros questionamentos, resultado das pesquisas na educação de Surdos, e também as primeiras propostas de mudanças.

A partir dos estudos de Willaim Stokoe sobre a Língua de Sinais Americana (ALS) e das análises sobre os resultados do oralismo na Inglaterra no final da década de 1970, é que se inicia um processo de tomada de consciência e de luta, por parte dos Surdos, por direito à própria língua e a um ensino de qualidade e emancipatório. Surge então a Comunicação Total no cenário educacional americano.

Na área da Surdez, a Comunicação Total foi inicialmente defendida pelo Conselho de Administradores Educacionais de Escolas Americanas para Surdos, em 1976, como uma filosofia que incorpora formas de comunicação auditiva, manual e oral, apropriadas para assegurar a comunicação efetiva com e dentro da comunidade de Surdos (DELGADO, 1986 *apud* LOUREIRO, 2004, p. 30).

Os defensores deste movimento preocupavam-se principalmente com a questão de comunicação e para o desenvolvimento sócio-emocional das crianças surdas em famílias ouvinte. Assim a preocupação era aproximar as diferenças, se utilizando das duas línguas, a de sinais e a oral, em contexto familiar e escolar.

A partir da década de 90, linguistas questionam a impossibilidade do uso simultâneo de duas línguas. A partir de debates políticos, linguísticos e pedagógicos, trazem a proposta de Educação Bilíngue para Surdos como solução para diminuir o *gap* entre Surdos e ouvintes. (LOUREIRO, 2004).

A proposta de educação Bilíngue para os Surdos surgem com uma em concepções sociológicas, filosóficas e políticas, assim o Bilinguismo entende que o Surdo vive em uma sociedade ouvinte com línguas predominantemente orais e também formam uma comunidade com características próprias como cultura e língua.

A educação Bilíngue assume a importância da língua pátria, no caso do Brasil o Português mas considera de suma importância o reconhecimento da língua de Sinais, no Brasil a LIBRAS, como uma língua natural e própria da cultura gestu-visual dos Surdos, principalmente dos Surdos congênitos. A educação Bilíngue propõe portanto o aprendizado de duas línguas, português e LIBRAS, considerando que este aprendizado seja feito em momentos distintos, e considera a intervenção da educação o mais precoce possível.

Para que se chegasse a realidade das escolas bilíngues para Surdos no Brasil foi necessária ações de políticas públicas por parte do Estado como, por

exemplo a Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a LIBRAS como uma “forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visuo-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e de fatos, oriundos da comunidade de pessoas Surdas do Brasil” (BRASIL, 2002, não paginado) que mantém o português como língua pátria dos brasileiros e ao mesmo tempo reconhece que existe outra língua oficial circulante no país.

Outro marco importante foi o Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10436, que garante o direito do Surdo de estudar em escola Bilíngue, seja ela pública ou privada, oferecendo “desde o ensino infantil, o ensino de LIBRAS e também da língua portuguesa, como uma segunda língua para alunos Surdos” (BRASIL, 2005, não paginado).

Mesmo com todos esses avanços Surdos ainda não possuem as mesmas possibilidades que ouvintes, de modo geral não há condições igualitárias. E dentro da comunidade Surda mesmo há diversos fatores que diferenciam esse aprendizado. E todo o percurso histórico, assim como este trabalho, procura trazer diferentes perspectivas buscando meios que possam favorecer o ensino e a aprendizagem dos Surdos, favorecendo assim a inserção do aluno Surdo no espaço escolar, a integração dos Surdos nesta chamada sociedade da informação e a inclusão do Surdo de maneira total na sociedade.

2.1 ASPECTOS DA SURDEZ: DIFERENÇA OU DEFICIÊNCIA?

Uma possível discussão entre o que é considerado como normal e o que é considerado patológico antecede a discussão da surdez como diferença ou como deficiência.

Entre as áreas do conhecimento relacionadas com a surdez sempre houve disputa para apontar a melhor solução para a comunicação dos surdos. Essa competição de soluções para o problema tem duas bases. De um lado o Oralismo, que busca a “normalidade” e a fala, procurando dispor de avanços tecnológicos para oferecer ao surdo a possibilidade de ouvir. De outro, existe o Bilinguismo, que defende a língua de sinais como sendo a língua dos surdos, e até mesmo a ideia de uma cultura surda específica, direcionando o debate para uma questão de política linguística. Há, pois, um debate entre a área da saúde (que busca “normalizar”) e a área pedagógica (que procura diminuir os “estigmas”). (SANTANA, 2007, p. 14).

A Surdez pode ser entendida como uma deficiência se for enxergada pelo modelo clínico-terapêutico, ou como uma diferença se vista pela ótica do modelo sócio-antropológico. Essas diferentes interpretações sobre Surdez incidem de maneira decisiva sobre a vida dos Surdos, impactando diretamente em suas identidades, no modo como interagem com o outro e ainda em como adquirem linguagem.

O olhar do modelo clínico-terapêutico (médico), compreende a Surdez como um deficiência, uma patologia que precisa ser tratada ou curada. Se enxergada como a ausência de audição, a Surdez pode então ser remediada, seja por aparelhos auditivos, implantes cocleares, acompanhamento de médicos e fonoaudiólogos, que para compensar a “ausência de ouvir” procuram ensinar os Surdos a falar, método denominado oralização.

Nesta perspectiva Oralista, o Surdo é considerado deficiente ou anormal, se distinguindo dos ouvintes falantes. A incapacidade ou dificuldade de ouvir, tem como resultado a dificuldade da fala, fazendo com que os tratamentos dirigidos ao aprendizado da linguagem oral, seja de grande dificuldade para o Surdo. Dado que pelo método Oralista busca-se capacitar o Surdo no entendimento e produção de linguagem oral, para que possa constituir-se ao menos como interlocutor. Na tentativa de reabilitação e equiparação aos ouvintes, surdos são treinados a falar e treinados em leitura labial para se ajustarem na sociedade.

O modelo clínico-terapêutico foca em diagnósticos médicos e no processo de reabilitação e tem por objetivo a normalização do sujeito, na tentativa de aproximação dos ouvintes ressaltando as barreiras comunicativas.

Contrapondo-se ao modelo médico, o modelo sócio antropológico entende que o Surdo pertence a uma comunidade linguística minoritária com uma linguagem de natureza visuo-espacial, com características próprias e língua própria, que no caso do Brasil a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Neste modelo, desloca-se o entendimento de Surdez de Deficiência para diferença.

A maioria das pessoas que ouve supõe que ser surdo é carecer de audição. Muitas pessoas surdas vivenciam a surdez não como uma ausência, mas como uma presença. A surdez é uma cultura e uma vida, uma linguagem e uma estética, uma fisicalidade e uma intimidade diferente de todas as outras. (SOLOMON, 2013, p. 80).

O sujeito que antes era visto como “ouvinte imperfeito” ou deficiente auditivo e possuía o sujeito Ouvinte como padrão por não possuir a língua oral, hoje está sendo entendido como parte de uma minoria linguística e cultural e tem sua língua de caráter gesto-visual, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Uma definição empregada por Behares (1991) se adequa para explicar como será entendido o Surdo nesta pesquisa:

Uma pessoa surda é aquela que, por ter um déficit de audição, apresenta uma diferença com respeito ao padrão esperado e, portanto, deve construir uma identidade em termos dessa diferença para integrar-se na sociedade e na cultura em que nasceu. (BEHARES, 1991, p. 34).

Cabe ressaltar que os coletivos de surdos são muito diversificados, como mostram Souza, Silvestre e Arantes (2007, p. 121),

o coletivo é formado por pessoas com características comunicacionais muito diferenciadas (surdos que usam sinais, surdos bilíngues com predominância de Língua de sinais, surdos oralizados com um bom nível de linguagem oral e escrita, surdos mal oralizados etc.)

Cabe ressaltar que esta pesquisa afasta-se do entendimento médico da surdez que objetiva-se em modelar o “deficiente auditivo a partir do ouvinte” (LOUREIRO, 2004), então dentro da variedade do coletivo de surdos a pesquisa trata por Surdo o sujeito que independente do grau de surdez ou do grau de oralidade utiliza-se da LIBRAS como primeira língua e o foco não será tratar a deficiência e sim entender as dificuldades nas práticas informacionais para uma possível intervenção social através dos estudos em Biblioteconomia e em Ciência da Informação para atenuar ou eliminar as possíveis desvantagens sociais provenientes de um processo de aquisição linguística diferenciado.

2.2 PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DE LÍNGUA(GEM)

A linguagem é a forma mais eficiente de socialização com o mundo a nossa volta. É através da linguagem que se expressam os valores culturais. A Linguagem é a expressão que mais diferencia seres humanos de outros animais, sendo assim a

capacidade de produzir e interpretar diversas manifestações como a língua, pinturas, músicas, danças, e etc.

Segundo Vigotski (1984) a aquisição de linguagem se dá como uma consequência de um processo dialético, de natureza histórico-social e é produzida por meio da interação, mediada através dos signos ou códigos, da criança com o outro. Para ele a Linguagem, após adquirida, teria um papel constitutivo, planificador e organizador do pensamento.

Conforme aponta Borges e Salomão (2003), a medida em que a criança se desenvolve, seu sistema sensorial se torna mais refinado e ela alcança um nível linguístico e cognitivo mais elevado. Porém este não é um método rígido, visto que a ideia de um período crítico para aquisição de linguagem está diretamente relacionada a uma capacidade biológica de maturação cerebral e considera o desenvolvimento como algo natural do indivíduo.

Se tratando de aquisição de linguagem deve ser levado em conta a plasticidade cerebral contínua do ser humano, sem considerar um limite para a “maturação”. Há de se considerar ainda os aspectos interativos do sujeito e seu contexto social. Pois os processos cognitivos decorrem das interações sociais, e não se pode negligenciar o fato de que a organização cerebral se dá por meio das nossas práticas socioculturais. E é possibilitada por meio de uma língua.

A língua está diretamente ligada à cultura, história, à identidade e a comunicação. Toda forma de pensamento, só existe através de uma língua. A forma de aquisição de uma língua modela todo comportamento humano.

É de grande importância para o desenvolvimento futuro que quanto mais cedo a criança estiver em contato com a sua língua natural, de acordo com o desenvolvimento de suas capacidades, mais cedo ela se reconhece como indivíduo inserido na comunidade em que vive. Antes mesmo de a criança desenvolver uma língua própria, o processo dessa aquisição começa após o seu nascimento e desenvolve-se ao longo de toda sua formação como indivíduo pensante. (GIANOTO; GIANOTTO; MARQUES, 2016, 164-165).

Segundo a teoria inatista, defendida por Noam Chomsky, toda criança nasce preparada para receber uma linguagem, uma língua e então comunicar-se, o que ele costuma chamar durante toda sua obra de competência linguística. Isso vale para qualquer criança, seja ela ouvinte ou Surda.

Existem inúmeras barreiras para que Surdos desenvolvam uma língua. Para um Surdo que nasce em Família de Surdos, com pelo menos um dos pais Surdos, é quase que natural a aquisição da língua desde muito novo. Ainda que a opção dos pais seja pela tentativa de aquisição de língua oral. Mas a maior parte dos Surdos nascem em família de ouvintes. O que gera um conflito familiar com relação à aquisição da língua se aprende o português, língua falada por seus pais; ou se aprende Libras, língua da comunidade surda.

Durante muito tempo e ainda hoje, as crianças nascidas surdas em família ouvinte eram excluídas de suas famílias, não tinham direito a participar do convívio familiar, receber herança, estudar, casar-se e muitas outras coisas, pelo fato de serem surdas. Assim, segundo Fernandes e Correia (2006, p. 18) “Propiciar à pessoa surda a exposição a uma língua o mais cedo possível, obedecendo às fases naturais de sua aquisição é fundamental ao seu desenvolvimento; privá-la desse direito, sob qualquer alegação, é desrespeitá-la em sua integridade.”

Para os surdos filhos de pais ouvintes o processo de aquisição de linguagem sofre atraso por que em geral há demora na identificação da surdez dos filhos. Muitas vezes associadas a deficiência intelectual. Este processo de identificação pode demorar anos. E ao ser identificado, os pais tendem primeiramente a buscar médicos e fonoaudiólogos para “tratar” a surdez e para se tentar ensinar a falar. Gerando a frustração familiar do filho imperfeito, incompleto e deficiente.

Quando os métodos de oralização não apresentam os resultados positivo, percebe-se uma tremenda frustração dos pais. E acaba por esses filhos surdos crescerem sem construir uma identidade definida, são surdos que não tem língua, são meio ouvintes ou ouvinte incompleto, pois estão inseridos em uma cultura ouvinte. A maioria deles quando adquirem a LIBRAS já são adultos ou juvenis; sem contar que a defasagem escolar devido a esse atraso é enorme.

Pais ouvintes, em geral, apresentam problemas no processo comunicativo diante de filhos Surdos, que podem gerar sérias complicações para aquisição de linguagem e desenvolvimento cognitivo, tais como a dificuldade de interpretar sinais comunicativos da criança, principalmente os não verbais. Outro grande problema é o controle de interações do Surdo por parte dos ouvintes, o que causa a artificialização dos contextos sociais. E ainda, enquanto mediadores de comunicação entre seus filhos Surdos e ouvintes, tendem a simplificar os conteúdos objetos de conversas.

A família tem papel determinante no processo de aquisição de linguagem ainda mais se tratando de filhos Surdos. A falta de conhecimento e informações acerca da Surdez, suas especificidades e possibilidades, são fatores impeditivos para que o Surdo alcance todo seu potencial e exerça seu melhor papel na sociedade. Solomon (2013, p.72) nos dá um exemplo: “Apenas um terço das pessoas surdas completa o ensino médio, e, daquelas que frequentam o ensino superior, apenas um quinto completa seus estudos; adultos surdos ganham cerca de um terço a menos que seus colegas não surdos.”

O atraso de aquisição de língua, além de afetar o desenvolvimento social e cognitivo traz problemas sérios de autoestima e aceitação dos Surdos. Visto que a aquisição de língua é essencial para a construção de identidade, pois

A identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio-históricas particulares. O modo como a Surdez é concebida socialmente também influencia na concepção de identidade. O sujeito não pode ser visto dentro de um “vácuo social”. Ele afeta os discursos e as práticas produzidos e é por eles afetados. (SANTANA, 2007. p.43).

E a constituição da identidade Surda, assim como a ouvinte, não é única.

Não existe uma identidade exclusiva e única como a surda. Ela é construída por papéis sociais diferentes (pode-se ser surdo, rico, heterossexual, branco, professor e pai) e também pela língua que constrói nossa subjetividade. [...], não há escolhas “livres” nas nossas identidades, isso independe da nossa vontade. Elas são determinadas pelas práticas discursivas, impregnadas por relações simbólicas de poder.” (SANTANA, 2007, p. 42).

Pode-se dizer que a desqualificação de uma língua e todas as consequências políticas e sociais decorrentes disto acabam por reafirmar identidades ou silenciá-las e transformando o processo de subjetivação da pessoas, com reflexo direto nas práticas informacionais da pessoas.

3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Com a evolução das tecnologias de informação e comunicação (TIC) houve uma mudança qualitativa e quantitativa nos processos de aprendizado. Essa mudança baseia-se basicamente em três características principais: a quantidade de informações disponíveis, A diversidade das fontes de informações, e a velocidade do fluxo informacional. A quantidade nos reporta a extensão constante de produção de informações que ficam disponíveis a uma pessoa. A diversidade se refere à diferença existente dentre as diversas fontes de informações e a velocidade relaciona-se ao movimento contínuo de todo o fluxo informacional existente desde a produção da informação até a apropriação por um outro alguém.

Com toda transformação mencionada torna-se cada vez mais relevante conhecer os diferentes tipos de usuários e suas práticas informacionais para que se possa desenvolver recursos e serviços cada vez mais respeitando as particularidades de cada tipo, promovendo assim o acesso cada vez mais democrático à informação.

Estudar como os diferentes tipos de pessoas interagem com a informação, é uma prática que foi se desenvolvendo dentro das áreas de Biblioteconomia e da Ciência da informação e é abarcado mais precisamente dentro da temática “Estudos de Usuários da informação”. E ao buscar na literatura da área percebe-se uma evolução nos Estudos de usuários, passando de uma ótica inicial centrada nos sistemas de informação para aspectos centrados nos usuários, suas necessidades e seus contextos sociais: “Estudar o usuário não é mais apenas uma questão de técnica, é também uma questão política” (ARAÚJO, 2017, p. 138).

A evolução dos estudos de usuários enquanto pesquisa, inicia sua trajetória na década de 60 onde estes estudos eram basicamente de natureza quantitativa orientada para a frequência do uso dos materiais informacionais, comumente chamados de estudos de usos. Já na década de 70 os estudos eram direcionados para a forma como a informação era acessada e utilizada. Nos anos 80 os estudos eram norteados pelo planejamento de serviços ou sistemas de informações apropriados às necessidades individuais dos usuários, com foco no processo de busca da informação desenvolvendo inclusive diversos modelos de comportamentos de busca. Na década de 90, começou a haver a substituição dos estudos de busca, uso e necessidade da informação para Comportamento informacional, Ques tinha

por foco os problemas individuais de cada usuário, levando em consideração seus aspectos cognitivos. (ARAUJO, 2016; GASQUE; COSTA, 2010; MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007).

Ao final da década de 90, com “as demandas colocadas pelo surgimento da abordagem social dos estudos de usuários constituem um cenário no qual o conceito de práticas informacionais tem conquistado espaço como uma alternativa crítica ao conceito de comportamento informacional.” (ROCHA; SIRIHAL DUARTE; PAULA, 2017; p. 37)

Então entende-se que:

Práticas informacionais é um conceito guarda-chuva considerado por Savolainen (2007) como adequado para investigar e descrever fenômenos relacionados à busca, uso [apropriação] e ao compartilhamento da informação. Fatores contextuais e sociais influenciam esses fenômenos e são abordados de forma distinta daquela dos estudos sobre comportamento informacional. O contexto é considerado como um elemento constitutivo das ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, por elas também constituído a partir de uma relação dialógica. O individual e o social também são considerados como interdependentes. (SAVOLAINEN, 2007 apud ROCHA; SIRIHAL DUARTE; PAULA, 2017, p. 39).

Conforme aponta Araújo (2017) por entender a informação como condição para a cidadania e protagonismo social, as práticas informacionais são analisadas a partir de uma abordagem crítica onde não se ignora a realidade social mais ampla e leva em consideração os aspectos políticos e históricos dos sujeitos, buscando através da inclusão, a democratização da informação. “Assim, contra o conceito de “comportamento informacional” (um indivíduo que a partir de estímulos externo, procura um sistema de informação para satisfazer sua necessidade de informação), os estudos críticos propõem a ideia de “praxis informacional”. (ARAÚJO, 2017, p. 137).

Bourdieu (1996) propõe o que ele denomina abordagem “praxiológica”, que reposiciona o pesquisador, que passa ter como objeto de estudo o sistema de relações objetivas e também o processo de interiorização desse sistema sob a forma de disposições para a ação. Encontra-se aqui, por meio da expressão “praxiológica”, a ideia de “práxis”, isto é, o movimento mesmo por meio do qual os sujeitos agem no mundo e, como causa e também consequência dessa ação, constroem esse mesmo mundo. Essa é a ideia básica que fundamenta o conceito de “práticas” presente na expressão

“práticas informacionais”. (BOURDIEU, 1996 *apud* ARAÚJO, 2017b, p. 220).

As práticas informacionais foca numa relação entre sujeito e informação motivadas pelas interações sociais, onde busca-se enxergar a individualidade do sujeito e a interação do sujeito com o meio, tendo por base suas construções históricas e sociais. Para entender essa dicotomia entre influências “do meio de fora para dentro” e ao mesmo tempo influenciar “o meio de dentro para fora”, Bourdieu desenvolveu o conceito de *Habitus*

que “fornece, ao mesmo tempo, um princípio de sociação e de individuação: sociação porque as nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (assim podemos falar de um *habitus* masculino, de um *habitus* nacional, de um *habitus* burguês, etc.); individuação porque cada pessoa, ao ter uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas” (WACQUANT, 2017, p. 215 *apud* ARAUJO, 2017a, p. 220).

O conceito proposto por Bourdieu de *Habitus* vai muito ao encontro do conceito de prática informacional, enquanto prática social, onde as diferenças sociais estão presentes em todas as nuances da vida inclusive marcadas nos processos de busca, acesso, apropriação e compartilhamento. E também encontra-se com a abordagem crítica da pedagogia de Paulo Freire onde entende-se que há um caráter dialético no processo de apropriação da informação e do conhecimento, onde o conhecimento não é transferido de maneira unilateral, porque o todo ser humano além de “Constatar” tudo que o cerca, ele também atua, se posiciona, e a partir de suas escolhas intervém na realidade a sua volta (FREIRE, 1997).

No campo das práticas informacionais, essa ideia se traduz por meio do conceito de “apropriação”, que significa pensar que o conhecimento não é simplesmente algo transferido de uma pessoa para outra, algo que possui uma objetividade em si (um “dado”) que sai de um ponto e chega a outro da mesma forma. Nem é, o conhecimento, produto de uma acumulação, de uma “afetação” de algo externo a um determinado estado mental de um sujeito. (ARAÚJO, 2017b, p. 223).

Ao trazer o conceito de Práticas informacionais, os estudos de usuários adotam uma abordagem sócioconstrucionista e ainda uma abordagem crítica. Socioconstrucionistas por enxergar que “as atividades informacionais são

executadas por sujeitos ativos que constroem a informação a partir das interações sociais situadas em comunidades” (ROCHA; SIRIHAL DUARTE; PAULA, 2017, p. 55) e

No caso da abordagem crítica, ao colocar o conflito como elemento estruturante da realidade humana, a agenda de pesquisa muda. Passa-se a problematizar não mais o que o usuário quer ou seu grau de satisfação com a biblioteca e os serviços de informação, mas as diferenças estruturais no acesso à informação, a possibilidade de estruturação de necessidade de informação, entre outros. Mais do que a adequação e o “bom funcionamento” das bibliotecas e sistemas da informação, discutem-se as contradições na posse e condições de uso da informação, questionam-se as prioridades das políticas informacionais” (DOWBOR, 2004 apud ARAÚJO, 2017, p. 137-138).

Grande parte das informações e dos conhecimentos que são aprendidos são por meio de interação social seja com pais, com os professores, com colegas da mesma idade, que são também uma importante fonte de construção de conhecimentos, com diversos formatos de acessos a informação.

Conforme visto na seção 2 deste trabalho, observa-se que Surdos por viverem num mundo majoritariamente ouvinte onde grande parte das interações sociais ocorrem por meios sonoros, e em língua portuguesa, situação que coloca o Surdo em situação de desvantagem informacional. Conforme Sacks (2010, p. 22) nos

explica que os surdos congênitos sofrem de “privação de informações”. Várias são as razões disso. Primeiro, eles são menos expostos ao aprendizado “incidental” que se dá fora da escola — por exemplo, aquele burburinho de conversas que constitui o pano de fundo da vida cotidiana, à televisão quando não legendada etc.

Talvez da publicação do livro para hoje em dia esse abismo informacional que existe entre Surdos e ouvintes tenha diminuído graças ao avanço das políticas públicas de inclusão e acessibilidade e a luta da comunidade Surda por equidade de direitos e acessos. E entre os próprios Surdos também, visto que a forma de aquisição de linguagem pode causar desvio de acesso e apropriação de informações dentro da própria comunidade. Tendo em vista que

[...] algumas crianças surdas têm resultados [seja linguístico ou informacional] tão melhores do que outras, apesar da surdez mais profunda, não deve ser a surdez em si que está causando problemas, e sim algumas das consequências da surdez — em especial as dificuldades ou distorções da vida comunicativa desde o princípio. (SOUZA; SILVESTRE; ARANTES, 2007. p. 93).

Para fins deste trabalho não será adotado nenhum modelo de práticas informacionais, e serão consideradas para categoria de análise as dimensões acesso, uso e compartilhamento da informação.

Entende-se que acesso é o ato de obter algo e ingressar em alguma coisa. O acesso à informação é o percurso que uma pessoa faz para chegar a uma informação desejada. E esse acesso pode acontecer de inúmeras maneiras, pode ser intencional, no qual a pessoa vai atrás da informação em um ambiente informacional físico ou virtual (Internet, Bibliotecas, Universidades, Museus, etc) e pode acontecer de maneira casual em interações inesperadas. O acesso a informação é o que propicia ao sujeito, a participação e a construção de uma sociedade mais igualitária e democrática.

A Busca informacional, parte da dimensão acesso, consiste na intencionalidade em encontrar a informação que se necessita e acontece em diversas fontes de informações, formais ou informais. Essa busca pode variar conforme contexto social e a necessidade e oportunidade de acesso, sem nenhuma regra específica em virtude das diversas singularidades presentes nos sujeitos. “A busca de informação é o processo pelo qual o indivíduo procura informações de modo a mudar seu estado de conhecimento.” (CHOO, 2006, p. 84).

As fontes de informações, em que são realizadas as buscas, se diferem entre si em diversos aspectos, visto características internas, externas, linguísticas, orais e escritas. Ou característica que podem diferenciar as fontes de informações são quanto aos seus formatos e canais de comunicações. E a escolha de uma fonte leva em consideração concepções do próprio sujeito que está realizando a busca, sua experiência anterior e familiaridade com a fonte, a confiabilidade, a disposição e custo, a apresentação e a qualidade (CHOO, 2006).

O uso da informação

é condição necessária ao receptor para validar a informação acessada. O indivíduo possui a habilidade de incorporar uma informação, como coisa, e organizá-la em suas capacidades mentais,

atribuindo-lhe interpretações individuais, que finalmente se transformará em uma unidade de conhecimento. Sejam as capacidades mentais inatas ou não, conhecimento é adquirido por meio da apropriação de informações. (MIGLIOLI; SOUZA, 2014, p. 1224).

Ao usar apropriação e não por uso da informação, durante o trabalho, vem das definições dos conceitos, já que o uso das informações serve para resolver problemas ou situações (CHOO, 2006) e as vezes, parece que a informação tem papel descartável na vida de uma pessoa, sendo assim, utiliza-se por vezes apropriação da informação, que pressupõe uma alteração, uma transformação, uma modificação do conhecimento (ALMEIDA JÚNIOR, 2007).

A ausência de apropriação natural da informação advinda do ambiente (das conversas, da televisão, do rádio, e outras informações formais e informais provenientes de forma sonora), e a conseqüente alienação situacional, influenciam, de maneira geral, as necessidades de informação [práticas informacionais] dos surdos (MIGLIOLI; SOUZA, 2014, p. 1225).

Ao final desse fluxo informacional apresenta-se o processo de compartilhamento de informação, que é caracterizado por Choo (2006) como uma cultura de interações sociais onde ocorre a disponibilização para o outro de informações, conhecimentos, experiências e etc. Mas não como um algo cedido unilateralmente, mas como algo usufruído junto. Os motivos de compartilhamento são variados mas de uma maneira geral está o desejo de se sentir pertencente a uma comunidade. Logo a interação social é responsável no compartilhamento de informações.

Os meios de compartilhamentos são fatores que influenciam e facilitam ou dificultam o compartilhamento de informação visto que o emissor e o receptor da informação precisam compartilhar o mesmo canal de comunicação. Assim o uso de linguagens comuns tende a maximizar ou minimizar o vínculo entre a rede de compartilhamento.

As informações compartilhadas por Surdos vão construindo subjetividades e significações sobre a própria Cultura Surda, visto que podem ser usadas como marcador identitário e instrumento políticos. A partir do compartilhamento de informações dos Surdos pode-se tentar enxergar suas interpretações do mundo.

Investigar os fatores que podem influenciar diretamente nas práticas informacionais de um determinado grupo, neste caso os Surdos, se faz necessário para que possa ser pensadas ações mais eficientes, que de alguma maneira promovam a equidade nesta sociedade da informação entre os Surdos e ouvintes e entre os próprios Surdos com diferentes contextos sociais, políticos e informacionais.

Nestes tempos em que pensar toda e qualquer forma de promoção de inclusão social e informacional tornam-se imprescindíveis, trabalhos como estes se tornam necessário para que se possa proporcionar aos usuários, com condições próprias diferenciadas da maioria, metodologias de trabalhos diferenciadas, objetivando através das interações informacionais empoderar as pessoas para o exercício de uma sociedade mais justa e informada.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHAR SILENCIOSO DE UM OUVINTE

Esta seção apresenta o percurso metodológico para realização desta pesquisa, divide-se em duas seções: a primeira para caracterizar a pesquisa e a segunda para descrever os sujeitos da pesquisa.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Para compreender de que maneira os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem podem influenciar as práticas informacionais de Surdos quanto à busca, acesso, apropriação e compartilhamento da informação em diferentes contextos, foi necessário adotar um percurso metodológico para sistematizar e formalizar a pesquisa de modo a considerar os objetivos propostos, os recursos temporais disponíveis.

Cada pesquisa é naturalmente diferente de qualquer outra coisa. Daí a necessidade de previsão e provisão de recursos de acordo com a sua necessidade especificidade. Mas quando o pesquisador consegue rotular seu projeto de pesquisa de acordo com um sistema de classificação, tornar-se capaz de conferir maior racionalidade às etapas requeridas para a sua execução. O que pode significar a realização da pesquisa em tempo mais curto, a maximização da utilização de recursos e certamente a obtenção de resultados mais satisfatórios. (GIL, 2010, p. 25).

Devido à peculiaridade do trabalho, quanto ao tipo de pesquisa foi adotado conforme os objetivos a pesquisa exploratória descritiva de abordagem qualitativa e social. Ao agregar as pesquisas exploratórias com as pesquisas descritivas têm-se uma representação das atuações práticas mais próximas da realidade, e tem sido utilizado em pesquisas de práticas e comportamentos informacionais, visto que as pesquisas exploratórias têm por objetivo a

[...] formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômenos, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar conceitos. Empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos ou para a obtenção de observação empírica ou para a análise dos

dados (ou ambas, simultaneamente). (MARKONI; LAKATOS, 2010, p. 171).

Além das características exploratórias a pesquisa aproxima-se da pesquisa descritiva visto que “As pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também com o objetivo de identificar possíveis relações entre variáveis.” (GIL, 2010, p. 27).

Quanto a abordagem, a pesquisa se classifica como qualitativa visto que “ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2013, p. 21) tentando entender a realidade social, os aspectos sociais, históricos e políticos de um contexto específico. E a adoção de uma abordagem social foi feita com a intenção de compreender a dinâmica social (GIL, 2014).

A seleção dos textos bases para o trabalho partiu dos planos das disciplinas do curso de Licenciatura em Biblioteconomia principalmente das disciplinas Educação e Surdez, Estudos de usuários e comunidades, Métodos e técnicas da pesquisa em educação biblioteconômica, Educação especial, Fontes da informação e Competência em informação.

A partir dos planos de estudos dessas disciplinas, somado as indicações extras dos professores ministrantes das disciplinas, utilizaram-se também as referências Bibliográficas dos próprios textos das disciplinas como fonte primária. Ao partir deste ponto buscou-se na base BRAPCI artigos que de alguma forma pudessem acrescentar ao trabalho. Houve também uma Busca na BDTD para procurar Teses e dissertações que versassem sobre o tema, todas as buscas foram feitas com termos: Surdez, Surdos, Deficientes auditivos, Pessoas com deficiência, Práticas informacionais e Estudos de usuários. Houve ainda a verificação dos anais de alguns eventos científicos como o ENEU (Encontro Nacional de Estudos de Usuários) e algumas edições do ENANCIB. Tudo a fim de buscar referências que se complementam e contribuíssem para reforçar os objetivos do trabalho. Todos os textos recuperados e selecionados em língua portuguesa. Ressalto que não se teve contato com a Biblioteca do INES por não poder utilizar apenas como estudante do curso de LIBRAS.

Para operacionalizar o estudo, definiu-se como instrumentos de coleta de dados o uso de questionário, que pode ser definida como

[...] uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente e passado etc (GIL, 2014, p. 121).

O instrumento de coleta foi definida com base nos objetivos e no tempo disponível para realização da pesquisa, visto que facilita a análise dos dados, permite atingir pessoas dispersas geograficamente, e garante a menor influência das opiniões e dos aspectos pessoais do entrevistador.

Outro motivo que justifica a opção é o não domínio integral da língua por parte do autor, e o questionário permitir a tradução seja através de vídeos junto as perguntas ou ainda a opção de aplicativos de tradução que poderiam ser usado junto na hora da resposta. Sem contar que como buscou-se entrevistar Surdos com diferentes processos de aquisição de linguagem, e em um encontro pessoal, o fato de o autor do trabalho ser ouvinte poderia interferir ainda mais nos resultados. Portanto visando otimizar recursos e minimizar influências optou-se pela opção que mais atendia a pesquisa.

A plataforma Google Docs foi utilizada, tendo em vista a facilidade do autor a utilização com base em experiências anteriores. Além disso, a plataforma possibilita adicionar opções Visuais as perguntas para apoio, para haver maior aproximação a características de algum dos participantes da pesquisa, que pode se sentir confortável seja com Vídeo ou imagem.

O questionário contém 37 perguntas, contendo perguntas múltipla escolha e também perguntas com possibilidade de resposta aberta. O Questionário está em português e contém um texto explicativo anterior ao preenchimento do questionário explicando o contexto do trabalho, onde foi feita a tradução para Libras pelo professor e intérprete Thiago dos Santos Batista. E ao final do questionário existe um vídeo de agradecimento em Libras feito pelo próprio autor.

O questionário foi construído a partir da dissertação da Sarah Miglioli Da Cunha Alves (2014) e também da Juliane Adne Mesa Corradi (2007) tendo em vista que foram pesquisas que envolveram Surdos na Ciência da informação e que relaciona-se com a temática do trabalho. Foram adaptadas as perguntas e acrescentadas outras para o contexto deste trabalho. Há de se considerar que o autor é ouvinte e pensa em português então as perguntas foram elaboradas neste contexto, buscando aproximação e respeito a especificidade dos entrevistados.

Objetivando o aprimoramento do questionário, foi realizado um pré teste primário com ouvintes que se relacionam com Surdos de alguma maneira para uma avaliação prévia. Este conjunto de avaliações possibilitou a adequação de algumas perguntas, de forma a torná-las mais claras e acessíveis eliminando erros lógicos, de ambiguidades, e de linguagem. Após obter uma versão mais amadurecida e revisada na orientação, foi realizado um pré teste com três Surdos não incluídos na pesquisa e de conhecimento pessoal do autor nos dias 28 e 29 de novembro. Após esta avaliação, foi avaliado se as respostas foram satisfatórias e correspondiam a intencionalidade de cada questão, chegando a versão final que está disponível para consulta no Apêndice A ao final do trabalho.

Após a versão final do questionário, foram enviados *email* para os então cinco participantes selecionados. A seleção dos participantes foi feita de modo a trazer diferentes tipos de aquisição de linguagem dos Surdos em que o autor da pesquisa têm contato, através do curso de Libras, realizado no INES. O envio foi realizado dia 01 de dezembro para os *emails* dos participantes. Desses participantes, dois perguntaram se não poderia ser enviado para o Whatsapp para facilitar e agilizar a resposta. Então no mesmo dia foi enviado também para o Whatsapp destes dois participantes.

Um dos participantes na intenção de ajudar replicou o questionário a outros Surdos de conhecimento dele, o que ajudou a pesquisa visto que algum dos participantes convidados inicialmente não respondeu o questionário a tempo.

4.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

O total de participantes foram sete Surdos. Não foi cobrado identificação dos participantes então serão tratados como P1, P2 e assim por diante. Serão descritos abaixo, as características históricas sociais, e de grande impacto na formação identitária do sujeito e nas práticas informacionais de cada participante.

O participante 1 (P1) se identifica como do gênero masculino, tem 39 anos, mora com a esposa e 2 filhos, e é professor de Libras. Nascido Surdo, filho de pais ouvintes, sendo o pai comerciante e a mãe doméstica. Não é o único Surdo na família, tem três irmãos Surdos. Teve por primeira língua a Libras e prefere se comunicar se utilizando da Libras e dos recursos de comunicação em português utilizado pelos Surdos como leitura labial e oralização. Considera suas habilidades

leitura e escrita de português medianas e muito habilidoso com LIBRAS. Além da Libras também sabe ALS (Língua de Sinais Americana). A maior parte dos seus estudos foi em escola bilíngue onde a Libras era a 1º Língua e a Língua portuguesa a 2º Língua e hoje possui ensino superior completo.

A participante 2 (P2) se identifica como do gênero feminino, tem 30 anos, mora com a mãe e pai, e é professora de Libras. Ficou Surda aos dois meses, filha de pais ouvintes, sendo o pai aposentado e a mãe professora de história. É a única Surda na família ouvinte. Teve por primeira língua o português através da oralização e também prefere se comunicar se utilizando da Libras e dos recursos de comunicação em português utilizado pelos Surdos como leitura labial e oralização. Avalia ter boas habilidades de leitura e escrita de português e muito habilidosa com a Libras. Estudou a maior parte do tempo em escolas regular sem o auxílio de um intérprete de Libras e atualmente tem pós graduação completa.

A participante 3 (P3) se identifica como do gênero feminino, tem 32 anos, mora com o cônjuge e é professora de Libras. Nasceu Surda, filha de pais ouvintes, sendo a mãe dona de casa e o pai aposentado. É a única Surda da família ouvinte. Teve por primeira língua o português e tem preferência por se comunicar utilizando da Libras e dos recursos de comunicação em português utilizado pelos Surdos como leitura labial e oralização. Sinaliza em Libras desde os 19 anos. Julga suas habilidades leitura e escrita de português medianas e muito habilidosa com LIBRAS. A maior parte do tempo estudou em escola regular sem o auxílio de um intérprete de Libras e atualmente tem pós graduação completa.

A participante 4 (P4) se identifica como do gênero feminino, tem 61 anos e mora com sua mãe e é professora de educação bilíngue. Nasceu Surda, filha de pais ouvintes, sendo a mãe doméstica e o pai falecido ainda enquanto criança. Possui somente uma prima Surda na família. Sua primeira língua foi o português, mas desde os três anos sinaliza em Libras, e prefere se comunicar por meio da Libras. Avalia ter ótimas habilidades com leitura e escrita da língua portuguesa e também com a Libras. Além de Libras e Português, também aprendeu Inglês, espanhol Sinais Internacionais (SI) e ASL (American Sign Language). A maior parte de sua vida escolar foi em escola regular sem o auxílio de intérprete de Libras. Atualmente possui pós graduação completa e destaca que é Doutora.

A participante 5 (P5) se identifica como do gênero feminino, tem 35 anos e mora com mãe, irmão e filho. Filha de pais ouvintes, aprendeu primeiro a língua

portuguesa e sinaliza em Libras desde os 15 anos, sendo diagnosticada Surda desde os dois anos de idade. Prefere se comunicar se utilizando da Libras e dos recursos de comunicação em português utilizado pelos Surdos como leitura labial e oralização. Considera-se com boa habilidade de leitura da língua portuguesa e mediana facilidade de leitura em português e ótimas habilidades com Libras. Estudou a maior parte da vida em escola regular sem o auxílio de intérprete de Libras. Possui pós graduação completa e atua como designer gráfica e fotógrafa.

O participante 6 (P6) se identifica como do gênero masculino, tem 59 anos e mora com os filhos sendo uma ouvinte (Comumente chamado de Coda) e outro Surdo (P7). Os pais são ouvintes, sendo a mãe do lar e o pai contador, teve por primeira língua o português mas prefere se comunicar somente em Libras. Nascido Surdo sinaliza desde os 12 anos de idade. Numa escala de 1 a 5, onde 5 representa maior facilidade de escrever em português e 1 menor facilidade de escrita em português, considerou suas habilidades em escrita como 2. Considerou ainda mediana suas habilidades de Leitura na língua portuguesa e ainda ótimas suas habilidades com a Libras. Possui o ensino médio incompleto, e estudou a maior parte do tempo em escola Bilíngue. Hoje se encontra aposentado. Este participante não respondeu sozinho o questionário visto ter baixa visão e “nenhuma habilidade com tecnologias”, conforme apontou sua filha que o auxiliou juntamente com seu irmão Surdo.

O participante 7 (P7) se identifica como do gênero masculino e tem 21 anos e mora com o pai Surdo (P6) e com uma irmã ouvinte. Filho de pais Surdos, onde o Pai é aposentado “por invalidez devido a baixa visão” e a mãe é auxiliar de produção numa farmácia. Nascido Surdo, sinaliza desde que nasceu “inclusive com a irmã [ouvinte]” prefere se comunicar somente em Libras, sua primeira língua. Considera Boas suas habilidades com Leitura e escrita do português e ótimas suas habilidades com Libras. Possui o ensino médio completo e estudou a maior parte da vida escolar em escola Bilíngue Libras-Português, e atualmente atua como Jovem aprendiz administrativo.

Abordar a heterogeneidade dos participantes da pesquisa, de modo a demonstrar diversos fatores histórico-sociais, se faz necessário para que seja demonstrado como a subjetividade construída socialmente trazem impactos informacionais.

5 A VOZ DOS SURDOS: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção refere-se a analisar os dados coletados por meio do questionário (Apêndice A) que teve por objetivo compreender de que maneira os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem podem influenciar nas práticas informacionais de Surdos. Por isso buscou-se identificar as barreiras encontradas por Surdos, com diferentes formas de aquisição de Linguagem, em suas práticas informacionais: Busca, acesso, apropriação e compartilhamento, buscou-se também detectar as principais fontes e tecnologias de informações utilizadas no processo de busca da informação e ainda diferenciar a interferência da linguagem oral e/ou da Libras no transcurso do acesso, apropriação e compartilhamento da informação.

5.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS PARTICIPANTES

O grupo de participantes mostra uma certa diversidade dentre os Surdos. Num contexto mais geral, participaram da pesquisa sete Surdos, entre 21 e 61 anos de idade. Onde três se identificaram como do gênero masculino e 4 do gênero feminino.

Nenhum dos participantes mora sozinho, todos moram com familiares, sendo que 6 participantes moram com familiares ouvintes. O que nos revela que dentro de casa, onde acontece, uma parte de comunicação diária e aquisição de informação de maneira informal, acaba tendo diferenças linguísticas, podendo gerar ruídos na informação.

Conforme mostram as estatísticas gerais da população Surda, a pesquisa também demonstra que a maioria dos participantes, um total de seis, têm pais ouvintes. Tendo ainda quatro dos participantes que passaram pelo processo da oralização e tiveram contato primeiro com o português, só mais tarde na adolescência aprendendo a sinalizar em Libras. Contrariando a afirmação de Sacks (2010, p. 74), que ao falar sobre período crítico de aquisição de linguagem afirma que

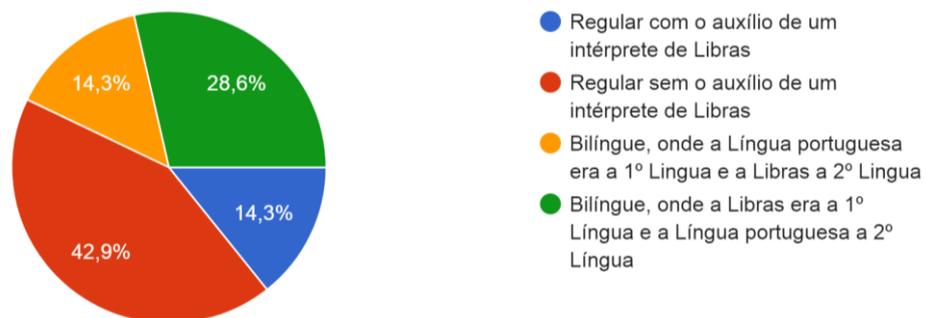
a surdez deve ser diagnosticada o mais cedo possível. As crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros. Assim que a comunicação por sinais for aprendida — e ela pode ser

fluyente aos três anos de idade —, tudo então pode decorrer: livre intercuro de pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e escrita e, talvez, da fala.

O que também nos mostra a importância da família na formação da identidade do Surdo. Outro fator relevante de se destacar, é que a aquisição da Libras enquanto primeira possibilita maior possibilidade de aprendizado de outras línguas além do português e da Libras, visto que os resultados apontam para que os participantes que sabem outras línguas aprenderam Libras mais cedo que os outros, com exceção do P7.

Um dado interessante apontado pelo perfil dos participantes é o da questão da escolarização, onde a maioria indica ter estudado em escola regular sem a presença de um intérprete, conforme aponta o gráfico 01 visto que “As escolas desempenham um papel extraordinariamente importante na vida das crianças surdas”(SOLOMON, 2013. p.66). Há de se considerar que a idade dos participantes, permite inferir que estudaram durante a prevalência do modelo educacional da oralização ou Comunicação total, e que ainda não haviam as políticas públicas inclusivas atuais. Porém ainda assim é um fator a se considerar visto que todo o aprendizado escolar pode ter sido comprometido juntamente com a questão da socialização que acontece nas escolas.

Gráfico 01 – Modalidade de escolarização



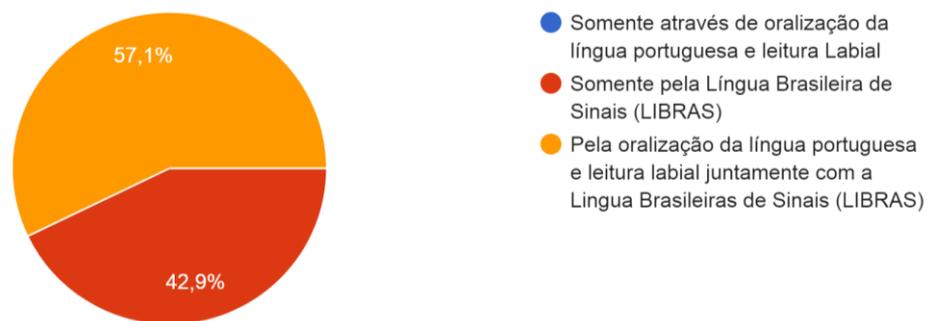
Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

E mesmo com a maioria dos participantes sendo Surdos pré-linguísticos e tendo o primeiro contato com a língua portuguesa e estudado em escolas regulares sem a presença de intérprete e ainda sem a presença ou o contato direto com outros

Surdos na família, a maior parte dos participantes se preferem se comunicar através de Libras ou no máximo se utilizando das duas línguas, dentro das suas limitações, conforme ilustra o gráfico. Nenhum dos participantes avaliaram preferir se comunicar somente através da língua portuguesa, também confirmando a afirmação de Sacks (2010, p. 76):

as pessoas profundamente surdas não mostram em absoluto nenhuma inclinação inata para falar. Falar é uma habilidade que tem de ser ensinada a elas, e constitui um trabalho de anos. Por outro lado, elas demonstram uma inclinação imediata e acentuada para a língua de sinais que, sendo uma língua visual, é para essas pessoas totalmente acessível. Isso se evidencia mais nas crianças surdas filhas de pais surdos que usam a língua de sinais, as quais executam seus primeiros sinais aproximadamente aos seis meses de vida e adquirem uma fluência considerável expressando-se por sinais com a idade de quinze meses

Gráfico 02 – Preferência de comunicação



Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

Buscou-se através dos perfis dos participantes demonstrar a pluralidade dentre os Surdos, e como os fatores histórico-sociais podem impactar na forma de aquisição e desenvolvimento de linguagem e ainda demonstrar as diferenças estruturantes nas práticas informacionais dos sujeitos.

5.2 AS BARREIRAS NAS SUAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Esta seção compreende o objetivo específico que procura identificar as barreiras encontradas por Surdos, com diferentes formas de aquisição de Linguagem, em suas práticas informacionais: acesso, uso e compartilhamento.

Também discute as questões relacionadas conforme os dados obtidos através do instrumento de coleta de dados.

É possível perceber através das respostas que todos os Surdos participantes da pesquisa que perderam a audição antes do período pré-Linguístico (anterior a aquisição de Língua), visto que cinco dos participantes são Nati Surdos (P1, P3, P4, P6 e P7), a participante P2 perdeu a audição dois meses após nascer e a Participante P5 perdeu aos dois anos de idade,

Se considerarmos ainda que 5 dos participantes (P1, P2, P3, P5 e P6) só aprenderam Libras após os dez anos de idade. É possível inferir que os participantes tiveram problemas no acesso a informação durante todo esse período, visto que não há uma língua consolidada e não se aproximaram da sua língua materna, a Libras.

Se somarmos ainda ao fato de que muitos deles passaram pela tentativa de oralização, por serem basicamente os únicos Surdos das famílias (P2, P3, P5 e P6), tendo que lidar talvez com comunicação pouco proficiente e interlocutores ouvintes, e que cinco dos participantes usaram aparelhos auditivos na infância e juventude (P2, P3, P5, P6 e P7), possivelmente indicado por médicos aos responsáveis como forma de “curar a Surdez” e “minimizando” o impacto da ausência de som, como se tudo isso fosse imprescindível para ser “normal”, minando assim as etapas de progressão de aquisição de língua, de formação de identidade, aprendizado de valores e também de acesso a informação nesta fase da vida, pois assim como só é possível formar pensamento através da linguagem, só é possível acessar uma informação através de uma linguagem bem desenvolvida, conforme aponta Gasque (2012, p. 69) “o pensamento só se constrói na interação de novas informações com o conhecimento prévio e experiências humanas”.

Haja vista que do nascimento até os dez anos de idade, cinco dos sete participantes, tiveram uma aquisição de língua defasada pelos fatores acima apontados, podemos concluir que o pouco do desenvolvimento do processo de letramento informacional que normalmente se potencializa em período escolar, através da realização de pesquisas, também ocorreu tardiamente, pois a língua é imprescindível para o desenvolvimento das competências informacionais.

E ainda há o fato de que três participantes (P2, P3 e P4) estudaram em escolas regulares sem o auxílio de um intérprete, o que ainda dificulta ainda mais o

desenvolvimento do Letramento informacional retardando assim, ainda mais, o alcance das competências informacionais.

Quando questionados sobre as dificuldades ao acessar as informações (Questão 24), os participantes citaram alguns locais e profissionais imprescindíveis a qualquer pessoa como Bancos, hospitais e médicos, farmácia, Rh, advogados e teatro. A falta de acessibilidade e presença de intérpretes de Libras ou algum profissional proficiente em Libras nestes locais dificulta o acesso a informação por parte dos participantes e dos Surdos em Geral.

É muito difícil para um ouvinte, conseguir entender, o que é trabalhar numa empresa e não conseguir se comunicar com o setor de Recursos humanos plenamente, ou ainda procurar solução para uma possível doença e não ter atendimento adequado em hospitais e farmácias. Estas respostas apresentam principalmente as pessoas como barreiras ao acesso à informação.

E se tratando de pessoas como barreira pode-se pensar que bibliotecas ou unidades de informações físicas também apresentam esta barreira. Embora não tenham sido citados nas respostas, é perceptível que estes espaços em geral contam com profissionais que também não estão muito preparados para lidar com Surdos. Imagina-se quantos Bibliotecários são minimamente proficiente em Libras? Quantos conhecem ao menos softwares que poderiam auxiliar neste processo comunicacional? Quantos sequer leram o manual orientados Fortalecimento de bibliotecas acessíveis e inclusivas desenvolvido pelo Mais Diferenças, e recomendado pelo extinto Minc?

Outra resposta que apareceu como uma barreira quanto ao acesso a informação foi a questão linguística e de acessibilidade das fontes informacionais, pois foram citados como uma dificuldade, informações sem legenda ou sem intérprete de Libras [possivelmente em materiais visuais] e os significados de palavras em português, dado que muitos Surdos têm uma maior dificuldade em leitura e escrita de português, dado inclusive que aparece refletido na pesquisa onde a maioria dos participantes não se sentem com muita facilidade em leitura e escrita de português.

Quanto ao uso da informação as barreiras apontadas pelos participantes da pesquisa foram principalmente do âmbito linguístico. Visto que foram apontadas pelos participantes a questão da extensão dos textos, sendo talvez muito cansativo ler textos de uma língua que não é a sua materna e que não há o domínio e fluência

necessária para textos específicos. Metáforas e gírias foi uma outra barreira citada, pois são muito contextuais e dependem de conhecimentos prévio. As ambiguidades também foram citadas como uma barreira, porque também dificultam o entendimento se o interlocutor não conhecer os diversos contextos em que uma palavra pode ser usada.

A resposta mais frequente se refere a vocabulário e entendimento, em razão de que a língua natural dos Surdos é a Libras, se considerar seu desenvolvimento como uma experiência visuo-espaciais. Embora muitos Surdos, inclusive os participantes da pesquisa, tenham tido seus primeiros contatos com a língua portuguesa antes do contato com a língua de sinais, a maior parte não se adapta muito bem por conta do português se tratar de uma língua oral-auditiva, com sintaxe linear, se utilizando de anáforas e marcações de gênero, flexões temporais e ter por escrita o modelo alfabético. Características essas que dificultam o entendimento e crescimento de vocabulário por parte dos Surdos. Assim sendo o acesso á informação em língua portuguesa torna-se barreira quando a informação aparece com nível mais complexo da língua.

Sobre as barreiras encontradas no compartilhamento de informações a dificuldade apontada foi em relação às plataformas de compartilhamento serem em português e não terem nenhuma acessibilidade para Libras. E as plataformas não comportarem muito bem o formato vídeo.

As barreiras no acesso, uso e compartilhamento da informação apontados pelos participantes da pesquisa, apontam para o que podem ser barreiras nas práticas informacionais de muitos outros Surdos. Embora exista hoje uma abundância de informação, existem muitas barreiras pelos quais o Surdos precisam vencer para sair do estágio de ausência de informação. A negação da informação de maneira adequada para os Surdos, pode significar a negação da própria identidade Surda. Bibliotecários e demais profissionais da informação, precisam buscar juntamente com os Surdos “o direito do Surdo de ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação e do bem estar social” como propõe Perlin (1998, p. 71). E porque não pensar também na questão informacional acessível e inclusiva.

5.3 FONTES E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO UTILIZADAS

Esta seção compreende o objetivo específico que detectar as principais fontes e tecnologias de informações utilizadas no processo de Busca da informação, de suas práticas informacionais: acesso, uso e compartilhamento. A tratativa é realizada a partir dos dados obtidos através do instrumento de coleta de dados.

Analisando as suas respostas, no que diz respeito aos locais onde os participantes costumam procurar por informações quando necessitam (questão 21), todos apontaram a internet, menos o participante P6 posto que possui também baixa visão e não interage sozinho em aparelhos eletrônicos, suportes para acessar a internet. A internet foi tão citada por apresentar uma diversidade de possibilidades de fontes, inclusive por apresentar inúmeros sites acessíveis.

Bibliotecas foi uma opção marcada por três participantes (P1, P2 e P4), mas há de se ressaltar que os participantes que sinalizaram se utilizar da Biblioteca como um local de consulta são professores de Libras e possivelmente consultam a Biblioteca no local que trabalham, que por sua vez devem ser locais com algum preparo para atendê-los. Conforme aponta Cardoso e Lima (2013. p.2) “os meios e suportes informacionais no geral não privilegiam sua condição linguística e cultural. Essa barreira comunicativa dificulta o acesso e o uso da informação, afastando o surdo da biblioteca e dos espaços culturais.”

Livros e Revistas foram citados por cinco participantes (P1, P2, P3, P4 e P5), Sugerindo que mesmo em sua maioria não se apresentando em Libras, em sua maioria, são fontes importantes para Surdos.

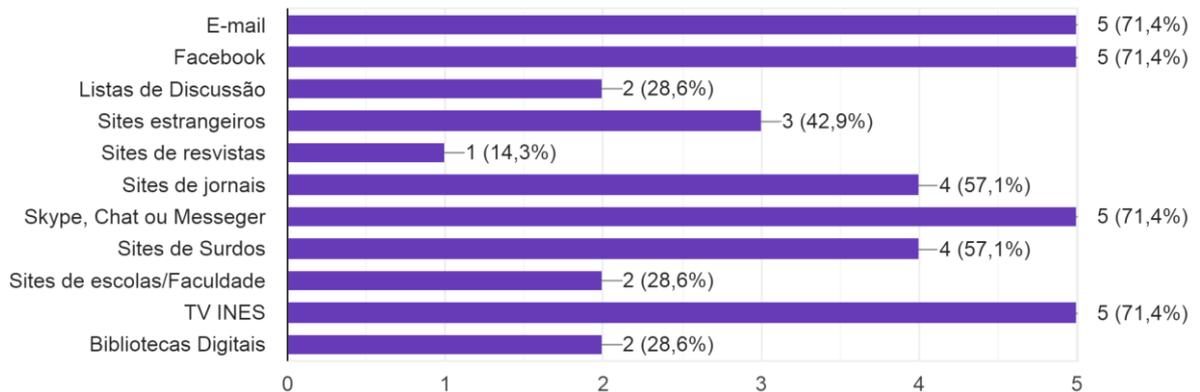
Outras pessoas também foi uma opção citada por cinco participantes (P2, P4 P5, P6 e P7) como uma fonte de informação. O que pode levar a pensar que mesmo não sendo Surdas, as pessoas que convivem com o participantes de comunicam e trocam informações com frequência, tornando-se uma fonte mais rápida e de alguma forma acessível. Há de se ressaltar que dois participantes (P6 e P7) com o nível formal de educação em menor nível, marcaram esta opção, mas não Livros e revistas, e também são do que marcaram as menores opções na escala, dentre os participantes sobre facilidade leitura em língua portuguesa. Outro fator a se considerar é que foi a única opção indicada pelo P6 que devido a baixa visão fica totalmente na dependência de outra pessoa como fonte de informação.

Um resultado surpreendente foi que quatro participantes consideram

acessíveis para Surdos os locais em que costumam buscar informações. Talvez devido ao perfil dos participantes, ou também pode indicar que uma vez que os Surdos encontram locais, fontes de informações ou alguma tecnologia que sejam acessíveis para Surdos, estes locais se tornem locais de consultas exclusivas, descartando locais fontes e tecnologias que não são acessíveis, o que é perceptível ser a maioria dos conteúdos na internet.

Uma vez que era esperado a Internet aparecer como o principal local onde os Surdos buscam por informação, questionou-se também sobre quais ambiente digitais os participantes mais se utilizam para buscar uma informação. E o resultado pode ser observado na figura abaixo:

Gráfico 03 – Ambientes digitais utilizados



Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

É possível verificar que dentre as respostas mais frequentes (Email, Facebook e Skype, Chat ou Messenger) se referem a ambientes digitais onde há uma interlocução com outros atores. O que permite deduzir que os Surdos formam entre si, uma rede informacional se utilizando das plataformas em que é possível interagir com todos os recursos, escritos e visuais, disponíveis.

Outro ambiente digital que aparece como maior frequência é a TV INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). A TV INES é a primeira webTV em Língua Brasileira de Sinais com legenda e locução em todos os produtos, disponíveis 24 horas por dia em streaming e vídeo *on demand*, transmitida através de satélite, parabólica, e dispositivos conectados a internet (SOBRE..., c2016).

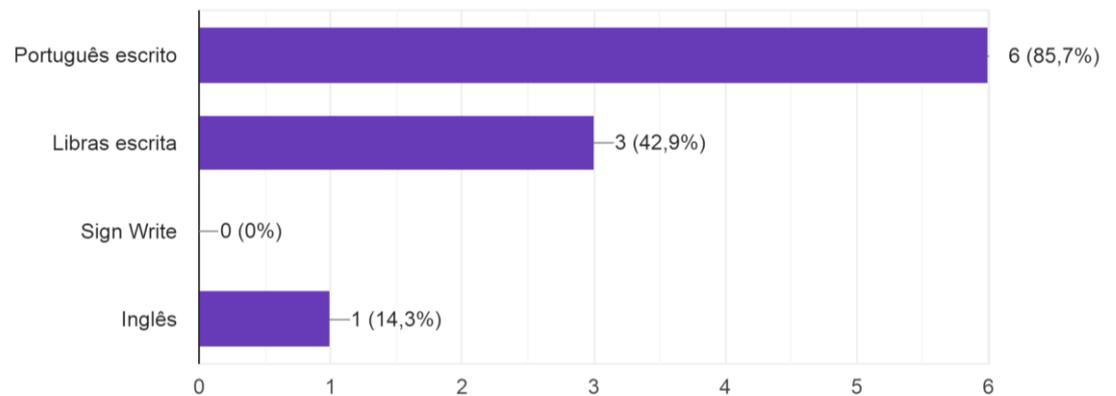
A proposta da TV INES é integrar os públicos surdo e ouvinte numa grade de programação bilíngue respeitando todas as questões gramaticais, lexicais e

sintáticas da Libras, através de narrativas audiovisuais que conjugam Libras e Língua Portuguesa oferecendo uma grade de programação eclética com foco na comunicação educativa: informação, cultura, entretenimento, esporte, documentários, desenhos animados, tecnologia, aulas de Libras, revistas eletrônicas, filmes com legendas descritivas e um *talk show* em Língua Brasileira de Sinais. E a TV INES é construída por equipe de profissionais bilíngues de televisão, formados por surdos, ouvintes, tradutores intérpretes e profissionais do Ines. A TV INES é viabilizada pela Parceria do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP) (SOBRE..., c2016).

Este dado nos mostra a importância de fontes de informações bilíngues, para acesso informação dos Surdos. E a partir de que a maioria dos participantes afirmaram preferir se comunicar através da Libras, podemos concluir que fontes de informação que oferecem esta opção linguística também são de preferência por parte dos Surdos.

Sites de jornais e sites de outros Surdos também aparecem com relevância nas respostas. Jornais são aquelas informações diárias para se manter informado sobre qualquer atualidade. Uma fonte muito acessada por todos que tem acesso a internet. Sites de outros Surdos reafirma a questão da informação produzida por Surdo, causando identificação e representatividade no interlocutor Surdo. Quantos ouvintes será que acessam sites feitos por Surdos buscando informações?

No que concerne a utilização de buscadores, exemplificado pelo Google na questão, os participantes responderam que se utilizam do Português escrito em detrimento as outras opções (Libras escrito, Sign Write e Inglês) conforme figura abaixo:

Gráfico 04 – Língua mais utilizada no processo de busca da informação

Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

Se for considerado que a maioria das fontes de informação na internet, são produzidas por ouvintes, as plataformas que suportam estas fontes também, e todo o processo de adaptação e tradução feita para os países e para as diversas fontes também são desenvolvidos por ouvintes, podemos entender que são indexadas por ouvintes em suas línguas na modalidade escrita. No caso aqui do Brasil, como a língua oficial é o português, tem-se um melhor resultado das buscas a partir de buscas em português escritos. Talvez esse seja o motivo desta opção pelos participantes da pesquisa, visto que a maioria dos participantes considera boa mas não ótima suas habilidades com português escrito.

Essa relação entre escrita- oralidade de uma língua é uma relação de interdependência simbólica, visto que não necessariamente necessita saber uma língua oral para conhecer sua modalidade escrita. Embora escrita e fala faça parte do mesmo sistema linguístico, a escrita é uma representação da comunicação oral, no caso da Libras da representação visual da língua, confirmando Santana (2007, p. 191) “Não há necessidade de ser competente nas duas línguas nem em todos os contextos.”

Na área dos estudos Surdos e de linguística, dentro da perspectiva bilíngue tem sido defendido o desenvolvimento da escrita do português para Surdos sem passar pela oralidade, mas atingindo um grau de escrita que os tornem independentes como Fernandes (2003, p. 47) que afirma que:

No que se refere ao fato específico da aprendizagem da escrita, ou seja, do domínio de um código escrito que reproduza uma língua oral

auditivo em seu funcionamento, ouvir, algumas vezes, até “atrapalha”: o que faz uma criança se perguntar se ‘beleza’ se escreve com ‘s’ ou com ‘z’? [...] Concluimos que este percurso é natural a criança de modo geral, Surda ou ouvinte, e nada tem haver com a presença ou ausência do som na fase do aprendizado da escrita. [...] não é a consciência dos sons, em si mesmos, nem a forma como eles se combinam, os responsáveis pela aquisição da língua, mesmo para crianças ouvintes.

A Libras escrita é a representação alfabética, com base na Libras, da organização da linguagem dos Surdos. A Libras escrita seria a modalidade “natural” para os Surdos, visto que mantém os aspectos sintáticos, que respeita por exemplo o não uso de conectivos, morfologia verbal e nominal, concordâncias verbais temporais, utilização de preposições, e ainda assim surpreendentemente não foi a opção preferida.

O SignWriting é um sistema de escrita das línguas gestuais. SignWriting expressa os movimentos as forma das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação. Mas não foi muita aceita no Brasil e a maior parte das tecnologias não encontra ainda adaptadas para tal sistema. Existem aplicativos de Surdos que é para utilizar este sistema para recuperar informações, porém os resultados indicam que não é utilizado pelos participantes.

O inglês só foi sinalizado como utilizado para realização de buscas em buscadores pela participante P4 que é doutora, sendo possível concluir que participa da comunidade acadêmica e do processo de comunicação científica, onde é importantes apresentar resultados e tendências estrangeiras.

E quando questionados o motivo da utilização das línguas utilizadas representadas pelas opções marcadas, as respostas confirmam o fato de as fontes não não serem acessíveis em Libras e ter uma melhor recuperação de resultados se buscados em português.

Sobre o quanto os participantes se sentem em relação a recuperação da informação e o atendimento de suas necessidades informacionais, foi solicitado (Questão 30) que marcassem uma opção numa escala de um a cinco onde um representa totalmente insatisfeito e cinco representa totalmente satisfeito. A maioria optou pela representação da metade da escala.

Os termos de indexação foram apontados pelos participantes quando perguntados das dificuldades encontradas utilizando um buscador tipo o Google ou catálogos de bibliotecas, por exemplo, (Questão 32), visto que surgiram respostas

como a da P4 “Poucas palavras para “surdos” ou a do P7 “Entender palavras difíceis do português e seu significado”.

A partir da análise destes dados, podemos entender que essa recuperação poderia ser melhorada, embora venha atendendo as necessidades. O melhoramento do processo, poderia ser a partir do melhoramento da indexação das fontes, da acessibilidade nos algoritmos de busca, e da intensificação do processo de letramento informacional e identificação das necessidades informacionais.

Se faz cada vez mais necessário repensar as fontes e tecnologias da informação, com objetivos de cada vez mais torná-las acessíveis e inclusivas, respeitando todas as diferenças entre as pessoas, dentre elas as linguísticas, assim podendo levar a informação para cada vez mais pessoas, fazendo com que alcancemos uma democracia plena e que todos possam se exercer dentro do processo de cidadania.

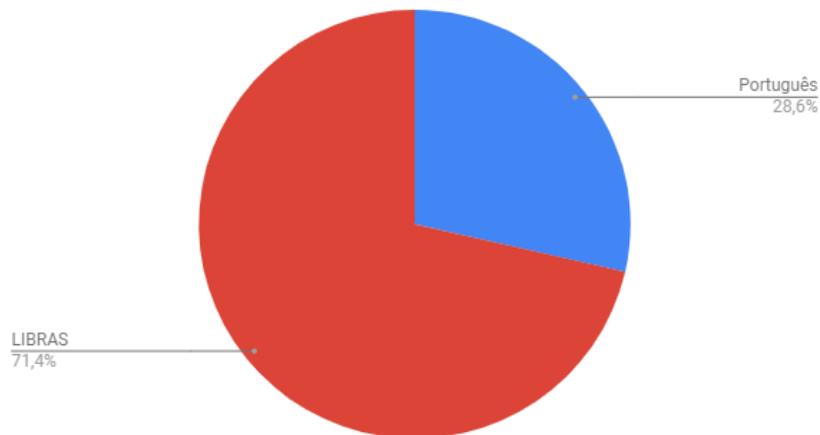
5.4 ABORDAGENS LINGUÍSTICAS NAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Esta seção compreende o objetivo específico que busca diferenciar a interferência da Linguagem oral e/ou da Libras no transcurso do uso e compartilhamento da informação. A tratativa é realizada a partir dos dados obtidos através do instrumento de coleta de dados.

Conforme mencionado anteriormente a maior parte dos participantes da pesquisa preferem se comunicar com outras pessoas somente através da Libras, porém a partir da questão 19 foram propostas situações para que respondessem qual a Língua que melhor lhe representa nas situações propostas. Os resultados serão apresentados abaixo.

Gráfico 05 – Eficiência linguística

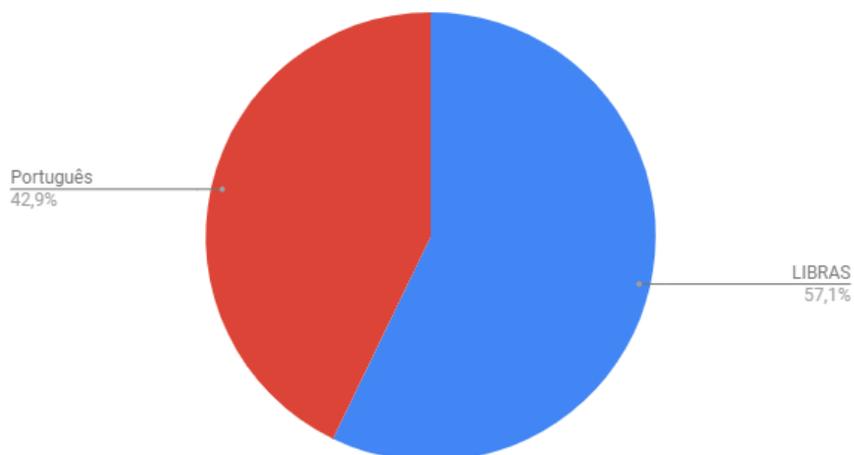
Me considero mais eficiente com:



Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

É possível observar a partir da imagem acima que a maioria dos participantes se sente mais eficiente se comunicando através da Libras, que também é a língua conforme já apresentado em que preferem se comunicar, confirmando que a Libras é a língua em que merece ganhar mais destaque dos bibliotecários e demais profissionais da informação quando se trata de comunicação com os Surdos. Tornando muito importante que, assim como os cursos de licenciatura onde pelo menos uma disciplina de Libras é obrigatória, os cursos de Biblioteconomia se preocupe em oferecer a disciplina, contribuindo em chamar a atenção para essa variante linguística.

Gráfico 06 – A predominância linguística na escola

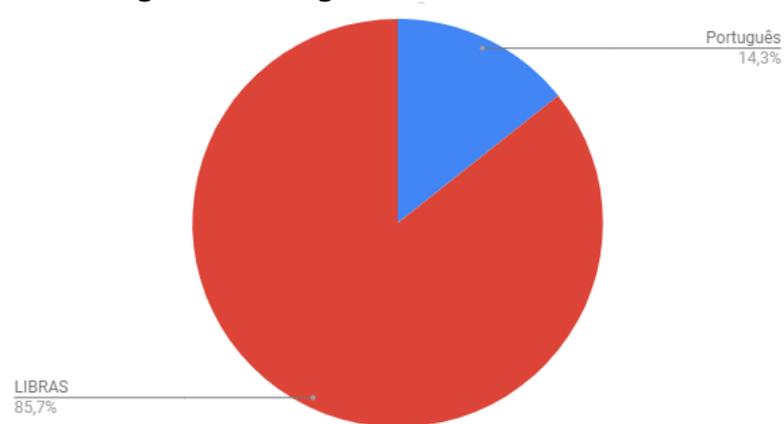


Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

O destaque da deste dado acima se dá ao fato de que os participantes da pesquisa tiveram sua primeira língua em sua maioria em língua portuguesa conforme demonstrado anteriormente, porém a maioria estudou em escolas bilíngues onde a Libras é a primeira língua e o português segunda língua. Podemos compreender então que as famílias percebem que o método de oralização não alcança o objetivo desejado e então procuram por uma escola bilíngue. Uma pesquisa futura que há a pretensão de fazer a partir destes dados é de averiguar então como se dá o processo de letramento informacional de Surdos que estudam em uma escola regular de ensino onde o português é a primeira língua, e como se dá o processo de letramento informacional numa escola bilíngue para Surdos, e como impacta em suas práticas informacionais.

Quando perguntado sobre qual das línguas se utilizam no dia a dia com os amigos, a maioria dos participantes (P2, P3, P4, P5, P6 e P7) disseram se utilizar principalmente da Libras. Então podemos compreender que aquelas informações obtidas cotidianamente a partir de interações casuais e afetuosas são alcançadas a partir da Libras. Confirmando a preferência por se comunicar através da Libras e confirmando também a rede que é feita a partir de fontes de informações que dependem da interlocução de outros, como *email* e redes sociais, com outros Surdos ou ouvintes proficiente em línguas de sinais.

Gráfico 07 – O uso da língua com amigos

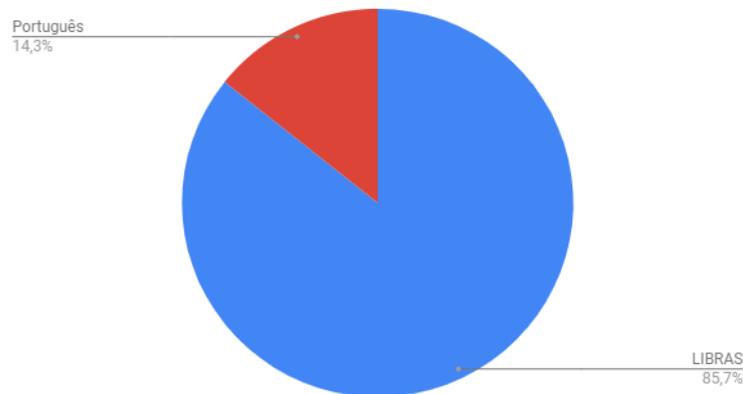


Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

Uma questão um pouco controversa dentro dos Estudos Surdos é a questão das atividades religiosas. Um grupo grande de pesquisadores acredita que as igrejas se utilizam de Libras para atrair mais pessoas não por uma missão altruísta, visto

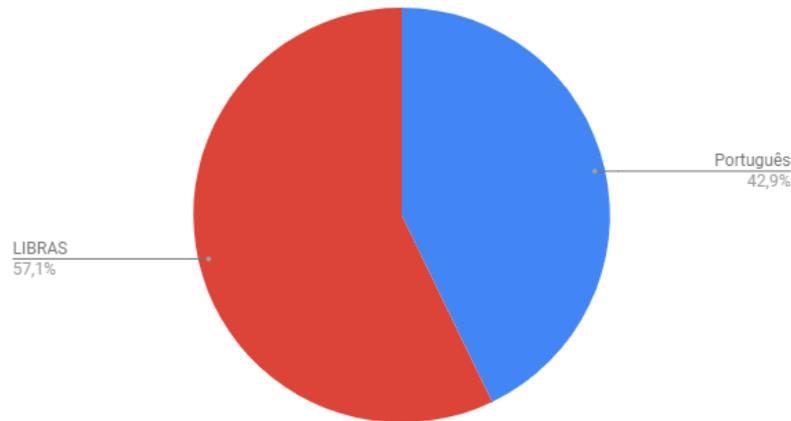
que no passado a igreja negava Surdos. Porém é um fato que muitos Surdos da comunidade Surda se sentem acolhidos e participativos assim como os ouvintes. Entende-se que cada vez mais as atividades religiosas e regras das diversas igrejas se colocam como fator interveniente das práticas informacionais. O que justifica o questionamento nesta pesquisa. A partir da imagem abaixo, pode-se observar que a maioria dos participantes se utiliza da Libras nas atividades religiosas, o que comprova que muitas igrejas têm se preocupado com a questão da acessibilidade para incluir os Surdos em suas atividades.

Gráfico 08 – O uso da língua em atividades religiosas



Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

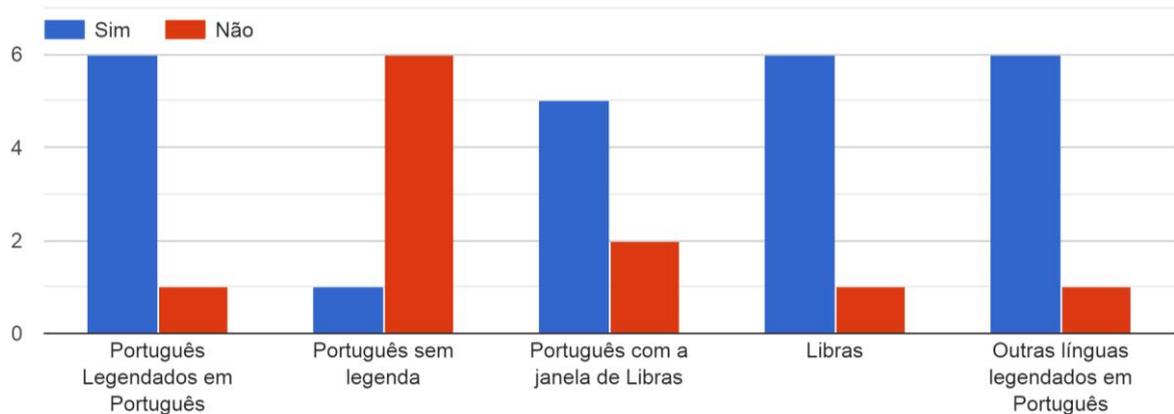
Sobre a língua utilizada para se manter atualizados dos acontecimentos cotidianos buscando acompanhar os fatos os participantes se mostraram divididos, visto que três participantes (P1, P2 e P6) sinalizaram a língua portuguesa e quatro participantes (P3, P4, P5 e P7) sinalizaram Libras, conforme a imagem abaixo. Podemos inferir que os que optaram pela língua portuguesa foram os mesmo que sinalizaram se utilizar de jornais quando perguntado sobre quais fontes utilizam. Com exceção do P6 que devido a baixa visão apontou em outra resposta que se utiliza muito da televisão, que é toda produzida em português. Todos os participantes que marcaram Libras também sinalizaram a TV INES como uma fonte, e pode estar relacionadas a estas informações para se atualizar.

Gráfico 09 – O uso da língua para infamações cotidianas

Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

Sobre a busca por entretenimento, os participantes da pesquisas seguiram exatamente o padrão da língua para o qual se mantém atualizados, da imagem anterior. O interessante de observar é que os participantes se mostraram divididos nos mesmos grupos, visto que os participantes P1, P2 e P6 buscam entretenimento em língua portuguesa e quatro os participantes P3, P4, P5 e P7 buscam entretenimento em Libras. Conforme a resposta anterior, embora a oferta de entretenimento em português se dê em quantidades muito superior que em Libras, a maioria dos participantes ainda assim declaram buscar essas atividades em sua língua natural, a Libras. É de se pensar em quantas ações culturais promovidas por bibliotecas e outras unidades de informações são dispostas em Libras ou com a presença de intérprete para esta língua, possibilitando a presença de Surdos também nestas atividades. Para pesquisas futuras, seria interessante, pesquisar como as bibliotecas de escolas bilíngues e associação de Surdos promovem o entretenimento inclusivo para os Surdos, para que as demais bibliotecas possam aprender e replicar essas práticas.

Partindo do pressuposto que os Surdos se acessam e se utilizam muito dos recursos informacionais visuais, principalmente por meio de vídeos, foi questionado (Questão 27) sobre a preferência linguística ao buscar pelos vídeos. Conforme demonstrado na imagem abaixo:

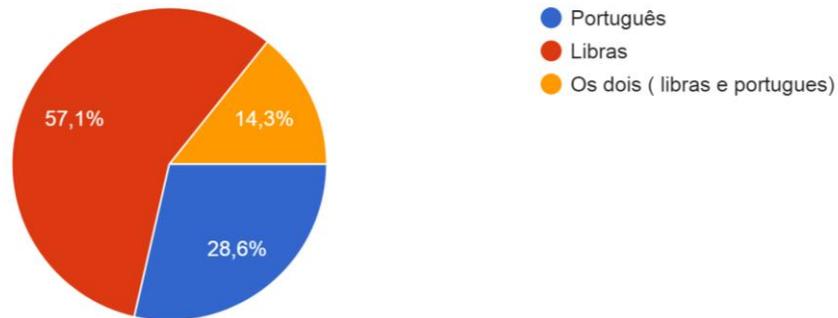
Gráfico 10 – O uso da língua para vídeos

Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

Conforme podemos entender a partir do gráfico a preferência da maioria dos participantes (P1, P2, P3, P5, P6 e P7) são por vídeos com legendas em português, independente da língua em que é produzido ou com a janela de Libras. E também há a preferência por vídeos em Libras. Todos esses participantes não buscam por vídeos produzidos em português e sem legenda, que por percepção são a maioria disponíveis na internet. A participante P4 destoa de todas as respostas dos outros participantes, e ao olhar isoladamente esta pergunta, não é compreensível o motivo, porém foi utilizado a resposta da questão 29, que era uma questão aberta para justificar a questão 28, para justificar esta também. A participante informa que “prefere vídeos em português sem legenda para treinar leitura labial, espaços não acessíveis”. Possivelmente ela frequenta muitos locais em que não tem intérprete e buscando a participação e entendimento nesses espaços ela prefere estar preparada para tentar maior compreensão. É consenso entre os pesquisadores que a melhor leitura labial em condições normais não chega a metade do conteúdo expressado. Mas essa resposta confirma a diversidade dentre os Surdos de acordo com suas vivências num mundo ouvinte.

Se tratando da questão da interferência da língua quanto ao uso, apropriação da informação e no aprendizado, foi questionado frente a uma informação em qual língua os participantes sentiam que aprendiam com mais facilidades. Conforme resultado ilustrado na imagem abaixo:

Gráfico 11 – O uso da língua na aprendizagem

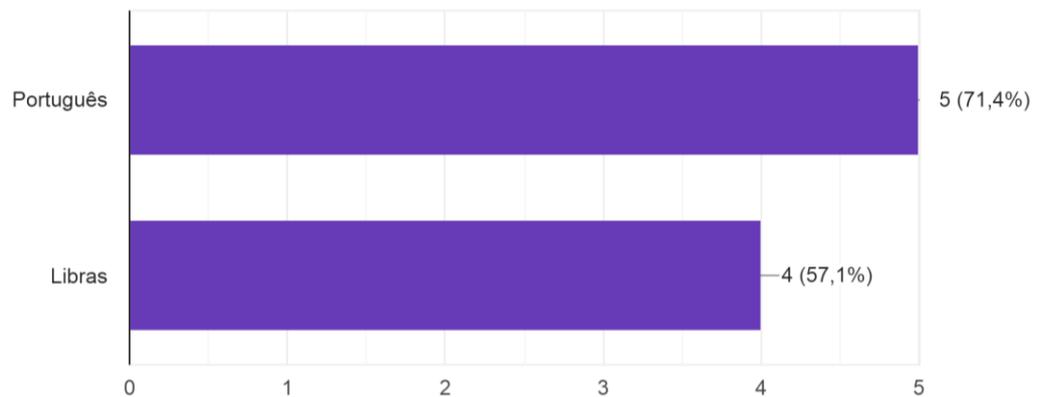


Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

Esta pergunta foi semiaberta, visto que os participantes tinham as opções português e Libras e puderam acrescentar outra língua em que se sentissem à vontade. A maioria dos participantes (P1, P5, P6 e P7) corresponderam a expectativa e disseram Libras, confirmando a Libras como sua língua natural e apropriada para os Surdos. Os participantes P3 e P4 surpreenderam respondendo Português, a P4 é compreensível, pois se pensarmos que com o doutorado, se encontra dentro do mundo acadêmico que não é nem um pouco inclusivo, então possivelmente aprende com essa estrutura tradicional da academia. A P3 embora tenha família ouvinte, estudado em escolas regulares sem a presença de intérprete de Libras, e tenha preferência por se comunicar por meio da Libras, entende-se que devido a sinalização tardia (aos 19 anos) acostumou-se a aprender em português.

É perceptível a partir dos dados que para uso e apropriação da informação dos Surdos não existe uma fórmula, porém é necessário que a informação esteja acessível às suas preferências.

Quanto a interferência das línguas no compartilhamento de informações, foi questionado sobre em qual língua os participantes costumam compartilhar informações em suas redes, objetivando observar os participantes enquanto produtores ou mediadores de informações como seria o comportamento é uma pergunta em que poderia sinalizar as duas opções possíveis Português e Libras. Abaixo a imagem ilustra a preferência dos participantes:

Gráfico 12 – O uso da língua em compartilhamento

Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta de dados (2018).

Os participantes P1 e P7 costumam compartilhar nas duas línguas, os participantes P5 e P6 marcaram somente a Libras, e os participantes P2, P3 e P4 marcaram somente a língua portuguesa. Temos de considerar que conforme apontado pelos próprios participantes anteriormente as plataformas de compartilhamento não suportam formatos de vídeos com facilidade a velocidade que por exemplo mensagens textuais, há de se considerar os tamanhos dos arquivos também. É mais difícil para realizar o compartilhamento. É importante observar que P2 prefere se comunicar através da Libras e do português mas não costuma compartilhar informações em Libras. A participante P4 mais uma vez tem preferência pela língua portuguesa também em seus compartilhamentos. Nenhum dos participantes se utilizou da opção outros para incluir alguma língua não mencionada.

Ainda há de se considerar que vivemos em uma sociedade ouvinte, onde possivelmente a maior parte das pessoas com que os Surdos participantes da pesquisa compartilhem conteúdos sejam ouvintes. Então, entende-se que embora muitos ouvintes não reflitam sobre suas práticas de compartilhamento de informação acessível a todos, os Surdos preocupam-se em acompanhar a maioria, ouvinte e fluente em português.

Diante dos dados apresentados entende-se que há a interferência da língua portuguesa nas práticas informacionais, embora a preferência seja pelo acesso e uso de informações em Libras. Porém quanto ao compartilhamento, considerando as limitações das plataformas e a maioria de interlocutores ouvintes, os participantes Surdos preferem em português.

A Biblioteconomia e Ciência da informação precisam se atentar para interferência da questão linguística nas práticas informacionais dos Surdos. Para que alcancemos um dia uma sociedade da informação inclusiva e bilíngue.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho é fruto de questionamentos e reflexões que sobre as práticas informacionais de sujeitos que encontram cada vez mais espaço na sociedade, porém não tem sido muito estudado na Biblioteconomia e Ciência da informação: os Surdos. A partir da análise dos dados, refletiu-se sobre como a aquisição de linguagem e língua pelos Surdos têm impacto sobre suas práticas informacionais.

A surdez aqui entendida como uma marca cultural e os Surdos entendidos como parte de uma minoria linguísticas com características e necessidades singulares, pertencentes a um grupo com uma enorme diversidade entre si.

As práticas informacionais apresentadas, a partir dos processos de acesso, uso e compartilhamento, seguem uma abordagem socioconstrucionistas, nas quais os sujeitos produzem informações e são produzidos por elas a partir de interações sociais, considerando todo o aspecto político histórico cultural.

Conhecer os fatores intervenientes das práticas informacionais objetivando a democratização da informação é um ato político, deve estar sempre permeados de aspectos éticos levando-se em considerando a historicidade dos sujeitos. No caso desta pesquisa, compreender de que maneira os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem podem influenciar nas práticas informacionais de Surdos é um ato político e pode contribuir para a democratização da informação para a comunidade Surda.

Buscando identificar as barreiras encontradas por Surdos, com diferentes formas de aquisição de Linguagem, em suas práticas informacionais, conclui-se que a idade/período em que se perde a audição, o período de aprendizagem e contato com a LIBRAS e o entendimento familiar sobre a Surdez, são barreiras encontradas por Surdos para desenvolver suas práticas informacionais.

Outro obstáculo encontrado foi a falta de adaptação e preparo dos meios informacionais sejam eles: as plataformas digitais que não tem facilidade para compartilhamento de suportes visuais e comunicação e informação ou sejam locais de necessidade comum como hospitais, bancos ou bibliotecas, visto que as pessoas que trabalham nestes locais se tornam empecilho.

Ao buscar detectar as principais fontes e tecnologias de informações utilizadas no processo de busca da informação, confirmou-se que podem ser mais

confortáveis para Surdos fontes em que acontecem a interlocução com outros atores, como outras pessoas de confiança ou através de suas redes de contatos na internet. Foi sinalizado a afinidade com fontes e tecnologias que se adaptem aos recursos visuais e possibilitem a presença da Libras. E não só adaptação com também há uma busca por identificação, reconhecimento e representatividade como citado a TV INES e os sites feitos por Surdos.

É notável que a falta de acessibilidade e fontes inclusivas, fazem com que Surdos façam mais esforço para se obter a informação desejada, por questões de diferenças linguísticas entre a Libras, a língua de preferência, e o Português, a língua da maioria.

Tentando diferenciar a interferência da Linguagem oral e da língua portuguesa e/ou da Libras no transcurso do uso e compartilhamento da informação, mesmo se considerarmos estar numa sociedade ouvinte, onde a comunicação oral prevalece, todas as respostas indicam há a preferência e o conforto pela utilização da Libras. Seja em ações cotidianas, como conversas com amigos, trabalho ou até mesmo atividades religiosas. A preferência pela Libras denota a interferência das características da língua visuo-espacial em suas práticas informacionais, principalmente através de recursos visuais.

Ainda nas questões dos recursos visuais, foi indicado a preferência por vídeos em Libras ou com janela de tradução em Libras. Aos produtores de vídeos cabe entender a importância de incluir um público com características tão específicas e o entendimento de no mínimo se preocupar em ter por opção legendas em português.

É de suma importância que a Biblioteconomia e a Ciência da informação, perceba a necessidade deste público e tome ações a partir de pesquisas, como esta por exemplo, para que a Libras possa vir a se tornar uma realidade no meio informacional, e possa a partir da facilidade de apropriação da informação por meio de recursos informacionais em Libras, democratizar o acesso à informação.

Se faz necessário ainda que a Libras se torne cada vez mais popular e comum entre os ouvintes para que Surdos possam compartilhar suas próprias informações, conteúdos e saberes em Libras, pois com o avanço das tecnologias, cada vez mais plataformas devem procurar facilitar o compartilhamento de vídeos, fazendo assim com Surdos se integrem cada vez mais na sociedade.

Há aqui o entendimento de que esta pesquisa não acaba em si mesma, visto

que há um risco grande de subjetividade ao perguntar aos Surdos, em português, sobre suas práticas informacionais, visto que a pesquisa realiza-se por um autor ouvinte, por meio do português escrito, para um ambiente pouco inclusivo que é a universidade no Brasil, da qual uma minoria de Surdos tem acesso. Então o replicamento da pesquisa talvez fique limitado a sujeitos da pesquisa com perfil próximo de entendimento de português e entendimento do que seja uma pesquisa.

Outro fator limitante do trabalho foi não ter atingido ainda mais possibilidades de aquisição e desenvolvimento de linguagens entre os Surdos, por conta de o convívio do autor com os protagonistas da pesquisa ser limitada ao grupo conhecido através do curso de Libras da qual o autor faz parte no INES.

Os sujeitos Surdos, pela defasagem auditiva, enfrenta muita dificuldade para se inserir no grupo social ouvinte, que é a maioria. O atraso do desenvolvimento de linguagem, podem trazer consequências emocionais, sociais e cognitivas. As tecnologias, com a internet, podem propiciar maior integração social, pois na internet as relações de poder e autoridade, entre Surdos e ouvintes, são mais dissolvidas. Um caminho a ser seguido para pesquisas na área de Biblioteconomia e Ciência da informação, buscando nas redes, formas mais eficazes para vencer as limitações informacionais e comunicacionais. Não deixando de pensar soluções alternativas, visto que a internet, por si só, não são suficientes para solucionar problemas tão abrangentes e socialmente construídos.

O conhecimento destes resultados poderá ter uma utilidade prática se , somatizados as políticas públicas inclusivas, contribuir de alguma forma para um projeto de intervenção com um programa que vise a democratização da informação, e funcione talvez como ponto de partida para se pensar em planos de ação que desenvolva o processo de letramento informacional para que os Surdos possam alcançar o pleno exercício da cidadania de maneira crítica.

Julgou-se que a presente pesquisa, além de ter possibilitado uma melhor compreensão da realidade que se propôs estudar, também se constitui como uma forma de chamar para a reflexão, em torno das limitações linguísticas em que as práticas biblioteconômicas se fazem.

É cada vez mais urgente que a Biblioteconomia e a ciência da informação contribuam para tirar os surdos do silêncio dando voz e visibilidade a eles.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p.33-45.

ALVES, Sarah Miglioli da Cunha. **Apropriação da informação por surdos no ambiente web à luz da Ciência da Informação**. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/845/1/Sarah%20Miglioli.%20Mestrado.%202014.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 61-78, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/2970/2694>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são “Práticas Informacionais”? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, número especial, p. 217-236, out. 2017b. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655/31068>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Protagonismo como categoria analítica em estudos de usuários da informação. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017a. p. 129-146.

BEHARES, L.E. Nuevas corrientes en la educación del sordo: de los enfoques clínicos a los culturales. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, v. 1, n. 4, p. 20-53, 1993.

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 327-336, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a13v16n2.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BRASIL. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Cartilha do censo 2010**: pessoas com deficiência. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <<http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/cartilhasdeficiente/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

CARDOSO, Karen Guimarães. LIMA, Marcia Heloisa Tavares de Figueiredo. Produção científica sobre surdos na ciência da informação no Brasil: análise na base BRAPCI. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013. Não paginado. Disponível em:<<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/40540>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

CHOO, C. W. **A Organização do Conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Ed. Senac, 2006.

CORRADI, Juliane Adne Mesa. **Acessibilidade em ambientes informacionais digitais**: uma questão de diferença. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

CORRADI, Juliane Adne Mesa. Ambientes informacionais digitais e usuários surdos: questões de acessibilidade. 2007. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2007. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/corradi_jam_me_mar.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

FERNANDES, Eulália; CORREIA, Cláudio. Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. In: FERNANDES, Eulália (Org.). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. Porto alegre: Artmed, 2003.

FREIRE, F. M. P. Surdez e tecnologias de informação e comunicação. In: SILVA, I. R. GUESUELI, Z. M. (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem**: desafios e realidades. São Paulo: Plexus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Souza. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 1, p.21-32, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1285/1463>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília, DF: Ed. FCI/UnB, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13025/1/LIVRO_Letramento_Informacional.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

GIANOTO, Helena dos Santos Silva; GIANOTTO, Adriano de Oliveira; MARQUES, Heitor Romero. Pais ouvintes, filhos surdos: barreiras na comunicação. **Multitemas**, Campo Grande, MS, v. 21, n. 49, p. 161-180, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.multitemas.ucdb.br/article/view/1114/1212>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

LOUREIRO, Vera Regina. **Aquisição tardia de Língua de Sinais por Surdos adultos**: construindo possibilidades de significação e inserção no mundo social. 2004. 194 f. Dissertação (Mestrado em Linguística aplicada)—Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

LULKIN, Sérgio Andrés. **O Silêncio disciplinado**: a invenção dos Surdos a partir de representações ouvintes. 2000. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, Martha; ODDONE, Nanci. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 36, n. 1, p. 118-127, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n2/12.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

MIGLIOLI, Sarah. SOUZA, Rosali Fernandez de. Apropriação da informação por surdos no ambiente WEB. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 1221-1240. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt3>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria Método e Criatividade. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PERLIN, T. T. G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto alegre: Mediação, 1998.

REIS, Alcenir Soares dos. Retórica-ideologia-informação: questões pertinentes ao cientista da informação. **Perspectivas em Ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 145-160, 1999. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/563/349>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, p. 36-61, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/67014/39098>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: uma viagem ao Mundo dos Surdos. São Paulo: Companhia de Letras, 2010.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SOBRE a TV INES: acessibilidade, qualidade e inovação: TV INES integra públicos surdo e ouvintes. [Rio de Janeiro], c2016. Disponível em: <http://tvines.org.br/?page_id=33>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SOLOMON, Andrew. Surdos. In: SOLOMON, Andrew. **Longe da árvore**: pais, filhos e a busca da identidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 65-141.

SOUZA, Regina Maria de; SILVESTRE, Núria; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Educação de surdos**. São Paulo: Summus, 2007.

VIGOTSKI, Liev Semiônovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE A – Questionário aplicado

Surdez, Informação e Língua(gem): implicações da aquisição e desenvolvimento de linguagem nas práticas informacionais de surdos

O presente questionário faz parte do Trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Biblioteconomia, submetido à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Esta pesquisa tem por objetivo compreender de que maneira os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem podem influenciar nas práticas informacionais de Surdos. Por isso buscou-se identificar as barreiras encontradas por Surdos, com diferentes formas de aquisição de Linguagem, em suas práticas informacionais: Busca, acesso, apropriação e compartilhamento, buscou-se também detectar as principais fontes e tecnologias de informações utilizadas no processo de busca da informação e ainda diferenciar a interferência da linguagem oral e/ou da Libras no transcurso do acesso, apropriação e compartilhamento da informação.

O Questionário está dividido em 5 partes:

- a) Perfil dos participantes;
- b) Como acessa a informação?;
- c) O processo de Busca da informação;
- d) Apropriação da informação;
- e) O compartilhamento da informação;

Não há respostas certas ou erradas para nenhum ponto do questionário. Sinta-se à vontade para responder as questões da forma com que mais se relaciona com sua Prática informacional. As respostas são confidenciais e serão analisadas juntas com a dos demais participantes. É muito importante que todas as questões sejam respondidas.

Desde já grato pela participação,

WALLACE SILVA. SANTANA DE ALMEIDA - Aluno do curso de Licenciatura em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). - Autor da pesquisa

BRUNA SILVA DO NASCIMENTO - Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professora Adjunta I na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) – Orientadora

1. **Email address ***

Surdez, Informação e Língua(gem): implicações da aquisição e desenvolvimento de linguagem nas práticas informacionais de surdos



<http://youtube.com/watch?v=9EFVZetGASs> Tradução da apresentação do trabalho em Libras feita por Thiago Santos, Mestre em Educação pela UniRio e professor vinculado ao Departamento de Didática na UNIRIO, Intérprete de Libras (LINK DO VÍDEO EXPLICATIVO: <https://www.youtube.com/watch?v=9EFVZetGASs&t=108s>)

Termo de consentimento Livre e Esclarecido

Certo de que as informações apresentadas no questionário fornecerão os esclarecimentos necessários em relação a pesquisa: Surdez, Informação e Língua(gem): implicações da aquisição e desenvolvimento de linguagem nas práticas informacionais de surdos. Caso haja concordância em participar do estudo, compreendendo que minha participação é inteiramente voluntária e que desta forma tem-se toda a liberdade de recusar ou retirar o consentimento sem nenhuma penalidade. Os dados obtidos da participação deste questionário, serão documentados e sistematizados, sendo com consentimento que haverá divulgação dos resultados em contextos acadêmicos e publicações científicas com o encerramento do Trabalho de conclusão de curso e que o uso dessas informações em outros suportes e finalidades só serão permitidas mediante a autorização prévia.

Termo de consentimento Livre e Esclarecido



<http://youtube.com/watch?v=pp0FFGTto5yo> Tradução do Termo em LIBRAS (Link: <https://www.youtube.com/watch?v=pp0FFGTto5yo>)

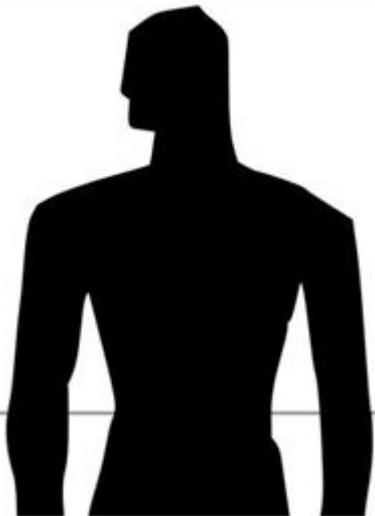
2. **Eu aceito participar da pesquisa voluntariamente.** * *Mark only one oval.*

Sim, eu aceito.
Não, não aceito.

Perfil dos participantes

Para conhecer melhor quem está participando da pesquisa precisamos de algumas informações pessoais, que serão mantidas em sigilo e analisadas juntamente com outras respostas e para fins acadêmicos.

3. **1) Gênero: ***

	
------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------

Masculino

Feminino

Other:

4. **2) Qual a sua idade?**

5. **3) Quantas pessoas moram com você?**

6. 4) Com quem você mora?



Pai



Mãe



Irmão/Irmã



Avós



Cônjuge
 Other:



Filho/a

7. **5) Seus pais são? * Mark only one oval.**

- Pai e Mãe Ouvintes
 Pai Surdo e Mãe Ouvinte
 Pai Ouvinte e Mãe Surda
 Pai e Mãe Surdos

8. **6) Qual a sua profissão?**

9. **7) Qual a profissão da sua Mãe?**

10. **8) Qual a profissão do seu Pai?**

11. **9) Em sua família há outras pessoas Surdas?**

12. **10) Com qual idade você perdeu a audição?**

12. **11) Como você prefere se comunicar com outra pessoa?**

Somente através de oralização da língua portuguesa e leitura Labial

- Somente pela Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)
- Pela oralização da língua portuguesa e leitura labial juntamente com a Língua Brasileiras de Sinais (LIBRAS)

14. **12) Considerando uma escala onde 1 representa mais dificuldade de ler em português, e 5 representa maior facilidade de ler em português. Como você considera suas habilidades de leitura da Língua portuguesa?**

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>				

15. **13) Considerando uma escala onde 1 representa mais dificuldade de escrever em português, e 5 representa maior facilidade de escrever em português. Como você considera suas habilidades de escrita em língua portuguesa? ***

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>				

16. **14) Considerando uma escala onde 1 representa pouca habilidade com a LIBRAS, e 5 representa muita habilidade com a LIBRAS. Como você considera suas habilidades em LIBRAS? ***

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>				

17. **15) Sabe alguma língua estrangeira ou a Língua de Sinais de algum outro lugar? Se sim quais? ***

18. **16)** _____
Grau de escolaridade? _____

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio incompleto
-

- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós graduação incompleta
- Pós graduação Completa
- Other: _____

19. **17) A maior parte de sua vida, estudou em escola...** * *Mark only one oval.*

- Regular com o auxílio de um intérprete de Libras
- Regular sem o auxílio de um intérprete de Libras
- Bilíngue, onde a Língua portuguesa era a 1º Língua e a Libras a 2º Língua
- Bilíngue, onde a Libras era a 1º Língua e a Língua portuguesa a 2º Língua

20. **18) Usa ou já usou algum aparelho amplificador de Som ou Implante Coclear?** * *Importante responder se já utilizou e não usa mais hoje em dia, quando foi que usou. Se puder relatar brevemente a experiência, se gosta ou não?*

21. **19) Selecione a Língua que melhor lhe representa nas situações abaixo:** *Mark only one oval per row.*

	Português	LIBRAS
Me considero mais eficiente com ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Minha primeira língua foi...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A língua principal durante a escola foi...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizo mais no dia a dia com amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizo mais no dia a dia no trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizo mais em atividades religiosas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuo me manter atualizado através de	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuo mais entretenimento em	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

22. **20) Desde de que idade sinaliza em Libras?** *

23. **21) Onde você costuma procurar por informações quando precisa? * Check all that apply.**

- Internet
- Bibliotecas
- Livros
- Revistas
- Outras pessoas
- Other: _____

24. **22) Você considera acessível para surdos os locais em que costuma buscar informação? * Mark only one oval.**

- Sim
- Não
- Other: _____

25. **23) Em quais locais costuma acessar a internet? * Check all that apply.**

- Em casa
- Na escola/Faculdade
- Na casa de amigos
- No trabalho
- Telecentro
- Biblioteca
- Other: _____

26. **24) Quais são suas dificuldades ao acessar informações? ***

25) Você acredita que a língua seja uma barreira para o acesso a informação por parte dos Surdos? Porque? *

28. **26) Quais ambientes digitais você mais utiliza para buscar informações? * Check all that apply.**

- E-mail
- Facebook
- Listas de Discussão
- Sites estrangeiros
- Sites de revistas
- Sites de jornais

- Skype, Chat ou Messenger
- Sites de Surdos
- Sites de escolas/Faculdade
- TV INES
- Bibliotecas Digitais
- Other: _____

29. **27) Os vídeos que me interessam são procurados em...** * *Mark only one oval per row.*

	Sim	Não
Português Legendados em Português	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Português sem legenda	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Português com a janela de Libras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Libras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outras línguas legendados em Português	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

30. **28) Ao utilizar um buscador, tipo o Google, costuma utilizar de qual língua...** * *Check all that apply.*

- Português escrito
- Libras escrita
- Sign Write
- Inglês
- Other: _____

31. **29) Porque?** *

Justifique a questão anterior

32. **30) Considerando uma escala onde 5 representa TOTALMENTE SATISFEITO e 1 TOTALMENTE INSATISFEITO, como você se sente quanto aos resultados das Buscas, as informações obtidas costumam atender suas necessidades?**

*

Mark only one oval.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>				

33. 31) Considerando uma escala onde 5 representa TOTALMENTE SATISFEITO e 1 TOTALMENTE INSATISFEITO, Como se sente quanto a presença de LIBRAS nos resultados das pesquisas *

Mark only one oval.

1	2	3	4	5		
Totalmente Insatisfeito	<input type="radio"/>	Totalmente Satisfeito				

34.32) Qual dificuldade costuma-se encontrar ao buscar informações, seja utilizando um buscador tipo o Google ou catálogos de bibliotecas por exemplo. *

35.33) Aprende com mais facilidade com uma informação quando a ela se apresenta em ... * *Mark only one oval.*

- Português
- Libras
- Other: _____

36.34) Quais são as maiores dificuldades quando está em contato com uma informação em Português? *

37.35) Quais são as maiores dificuldades quando está em contato com uma informação em Libras? *

38.36) Em que língua costuma compartilhar informações no dia a dia, como por exemplo em Mídias sociais? *

Check all that apply.

- Português
- Libras
- Other: _____

39.37) Sobre quais assuntos costuma compartilhar mais informações? *

Muito obrigado pela participação!!!



<http://youtube.com/watch?v=6moAiPqZhJY>

Powered by
 Google Forms